



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ – REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

MARCAS CORPORAIS NA TOXICOMANIA

JOANA CALDAS PINHEIRO MALTA PEREIRA

RECIFE
2011

JOANA CALDAS PINHEIRO MALTA PEREIRA

MARCAS CORPORAIS NA TOXICOMANIA

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como pré-requisito para obtenção do título de mestre.

**RECIFE
2011**

P436m Pereira, Joana Caldas Pinheiro Malta
Marcas corporais na toxicomania / Joana Caldas Pinheiro Malta
Pereira ; orientadora Edilene Freire Queiroz , 2011.
96 f .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica,
2011.

1.Toxicomania. 2. Marcas corporais. 3. Imagem corporal. 4. Psicanálise.
I.Título.

CDU 159.964.2

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

JOANA CALDAS PINHEIRO MALTA PEREIRA

MARCAS CORPORAIS NA TOXICOMANIA

BANCA EXAMIDADORA

Prof.^ª. Dra. Edilene Freire Queiroz (orientadora)

Prof. Henrique Figueiredo Carneiro (examinador externo)

Prof. Marcus Túlio Caldas (examinador interno)

À Raphael, Maria Augusta e Davi fontes de inspiração na maior das trajetórias:

a vida.

AGRADECIMENTOS

À Raphael, Maria Augusta e Davi, pelo que representam, compartilham e ensinam, pela paciência diante das necessárias ausências para a construção deste trabalho, por existirem na minha vida.

Aos meus pais por tudo o que me ensinaram, investiram e acreditaram, pela grande parceria e pelo acolhimento que possibilitou mais essa conquista.

Aos meus irmãos pela grande amizade, confiança e ensinamentos diários.

Aos meus tios, tias, primos, primas e avó. Pela confiança e incentivo, em especial ao meu tio João Duarte (*in memoriam*) pelo grande ensinamento que me proporcionou.

A família Malta Pereira pelo incentivo, acolhimento e presença constante.

As minha amigas, Bruna, Eduarda, Fernanda, Karla, Marcela, Marília, Paula e Quica pelos ouvidos atentos e corações sempre abertos.

A tia Neide Azevedo, pelo que sempre incentivou e acreditou

A minha orientadora, Edilene Queiroz pelo grande aprendizado, pelas tocas e pela disponibilidade que tornaram possível a execução desse trabalho.

À Genildo Cordeiro e a Tereza Batista pela forma que disponibilizam o saber, pela confiança e pelo incentivo sempre constante.

À todos que fazem a proteção básica e especial da Secretaria de desenvolvimento social cidadania e direitos humanos de Olinda, pelas trocas preciosas que me oferecem.

Ao Instituto RAID: Dr. Evaldo, Dr. Escobar, toda a equipe técnica e administrativa, grandes Parceiros na minha formação profissional e fieis incentivadores deste estudo.

Aos hóspedes que disponibilizaram suas histórias, tornando possível a execução desse estudo.

Aos colegas e professores do mestrado que foram verdadeiros mestres no ensino e no incentivo.

Aos funcionários da secretaria do mestrado pela presteza e dedicação.

A FACEPE por ter viabilizado a concretização deste estudo.

Quero ficar no teu corpo
Feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Prá seguir viagem
Quando a noite vem...
E também pra me perpetuar
Em tua escrava
Que você pega, esfrega
Nega, mas não lava...
Quero brincar no teu corpo
Feito bailarina
Que logo se alucina
Salta e te ilumina
Quando a noite vem...
E nos músculos exaustos
Do teu braço
Repousar frouxa, murcha
Farta, morta de cansaço...
Quero pesar feito cruz
Nas tuas costas
Que te retalha em postas
Mas no fundo gostas
Quando a noite vem...
Quero ser a cicatriz
Risonha e corrosiva
Marcada a frio
Ferro e fogo
Em carne viva...
Corações de mãe, arpões
Sereias e serpentes
Que te rabiscam
O corpo todo
Mas não sentes...
(Tatuagem Chico Buarque
Composição : Chico Buarque - Ruy
Guerra)

RESUMO

Trata-se de um estudo psicanalítico sobre toxicomania e marcas corporais cujo objetivo foi compreender a relação que os sujeitos toxicômanos estabelecem com os seus corpos, considerando o gozo pela ingestão de drogas e o gozo em marcar a pele. Na contemporaneidade o uso do corpo se tornou uma prática comum pelo realce dado a sensorialidade e entre os sujeitos toxicômanos é comum a presença de tatuagens no corpo, algumas delas ocupando grandes extensões. Apresentamos, primeiramente os estudos sobre a constituição do sujeito e a sua posição em relação à toxicomania; em seguida a relação entre corpo, libido, identidade e toxicomania e, por fim, apresentamos os resultados da pesquisa de campo desenvolvida no Instituto RAID. Analisamos as histórias sobre as marcações corporais de três sujeitos toxicômanos e verificamos que manipular o corpo, estimulando nele sensações internas pelo uso das drogas e sensações externas pela marcação é uma forma de constituir uma identidade, se apropriar do corpo e torná-lo pulsante.

Palavras Chaves: sujeito, toxicomania, corpo, marcas corporais

ABSTRACT

It is a psychoanalytic study on drug abuse and bodily marks whose goal was to understand the relation addicts establish with their bodies, considering the enjoyment by the ingestion of drugs and the joy in marking their skin. Nowadays, the usage of the body has become a common practice by highlighting of sensuality and among drug addicts is common to have tattoos on the body, and some of them on large area of it. Firstly, we presented the studies about the subject physical disposition and his position in relation to drug abuse, secondly the relation among body, libido, identity and drug addiction and, finally, we presented the results of field research developed at the Institute RAID. We analyzed the stories about the body markings of three drug addicts and we realized that manipulating the body, stimulating in it internal feelings by the use of drugs and external marking it is a way of putting together an identity, appropriating the body and make it alive.

Words-Keys: drug addicts, body , bodily marks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SUJEITO TOXICOMANIA E CONTEMPORANEIDADE	20
1.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM PSICANÁLISE.....	23
1.2 O SUJEITO TOXICÔMANO	28
1.3 O SUJEITO TOXICÔMANO NA ATUALIDADE	32
2. CORPO, MARCAS CORPORAIS E IDENTIDADE	37
2.1 CORPO E USOS.....	39
2.2 CORPO E LIBIDO	42
2.3 CORPO E IDENTIDADE.....	48
2.4 CORPO E TOXICOMANIA.....	51
3. MARCAS CORPORAIS NA TOXICOMANIA	57
3.1 SUJEITO 1	59
3.1.1 História de vida.....	59
3.1.2 História do sintoma.....	60
3.1.3 Resumo da entrevista.....	60
3.2 SUJEITO 2	62
3.2.1 História de vida.....	62
3.2.2 História do sintoma.....	63
3.2.3 Resumo da entrevista.....	64
3.3 SUJEITO 3	65
3.3.1 História de vida.....	65
3.3.2 História do sintoma.....	66
3.3.3 Resumo da entrevista.....	67
3.4 INTERLIGANDO ÀS SEMELHANÇAS	68
3.4.1 Tatuagem como escrita da história no corpo.....	69
3.4.2 Tatuagem como produção de linguagem e endereçamento ao outro.....	71
3.4.3 Sensação corporal produzida pelo ato da marcação.....	73
3.4.4 Associação do uso de drogas às marcações corporais.....	74
3.5 PENSANDO AS SINGULARIDADES	76
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

O presente texto visa responder ao interesse em estudar mais profundamente das implicações no corpo na toxicomania, mobilizada pela experiência em trabalhar com reabilitação de dependentes químicos. Nesse contexto, foi possível identificar a riqueza de material que demandavam estudos.

Em 2008, por ocasião da conclusão do Curso de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco, fizemos uma monografia com esse mesmo tema de estudo: *O sujeito toxicômano e a sua relação com o corpo*. Tal trabalho, além de ter garantido a finalização da graduação, tendo sido indicado para o banco de monografias da Universidade, foi de suma importância para o aprendizado, tendo despertado ainda mais o interesse pelo tema, nos mobilizou a investir em pesquisa.

No decorrer das nossas observações *in lócus* e contando com a atuação profissional junto aos dependentes químicos, constatamos que aqueles que participam desse universo toxicômano são os sujeitos de classes sócio culturais divergentes, que se diferenciam profundamente uns dos outros, no que se refere ao padrão de vida, mas que apresentam sintomas convergentes e igualmente devastadores, todos decorrentes da dependência química.

A observação de uma dessas experiências surgiu através do Centro de Referência da Assistência Social (Cras), que vem, ao longo de sua implantação, trabalhando para o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Seus serviços destinam-se à população em situação de debilidade social decorrente da pobreza, da privação e da fragilização de laços afetivos, relacionais e de pertencimento social. Tal serviço pode ser desenvolvido através do vínculo estabelecido com o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), que acolhe crianças e adolescentes dos 07 aos 15 anos e cujo foco é a prevenção e a erradicação do trabalho infantil através de atividades sócio educativas em jornadas ampliadas.

Nesse contexto, foi identificada a presença massiva de pessoas que se tornavam dependentes químicos e cuja realidade, naquele momento, era explicada

por um fato concreto que nos mostrava que, na favela, o que vigorava era a lei do tráfico e de que, a falta de recursos e oportunidades igualitárias contribuíam sobremaneira para que tal problemática se agravasse.

O convívio com a comunidade carente nos fazia entender as questões referentes à dependência química ao mesmo tempo em que compreendíamos o envolvimento dessas pessoas com o tráfico em decorrência da pobreza, da falta de oportunidades e de perspectivas. Mesmo com o conhecimento prévio de que a questão da drogadição sempre esteve presente na história da humanidade, a privação e a falta de perspectivas de vida desses indivíduos nos faziam enxergar esta problemática como algo voltado para as questões de debilidade social, cultural, econômica e afetiva que acometem esses mesmos sujeitos.

No entanto, a experiência posterior, no Instituto do Recife de Atenção Integral às Dependências (Raid) nos fez repensar essa questão. Tal instituição funciona como um albergue terapêutico que trabalha no auxílio a dependentes químicos, de forma a possibilitar a abstinência e a reestruturação dos laços sociais, familiares e afetivos, prestando um serviço de caráter privado, cujos usuários, pertencem a um meio sócio cultural diferenciado, e não estão submetidos às questões referentes à falta de recursos e oportunidades. A partir disso, observamos que a toxicomania, além de atender a uma configuração que vem sendo estabelecida por uma mutação dos processos civilizatórios, também denuncia um importante comprometimento, no que se refere à organização psíquica desses sujeitos, que por tal motivo encontram eco nos efeitos suscitados pela ingestão da substância. Tais questões geraram as inquietações e aguçaram o nosso interesse pelo estudo dessa problemática.

Historicamente, o uso de drogas acompanhou a humanidade. Por motivos religiosos ou de cura, motivos recreativos ou até existenciais, tais substâncias sempre tiveram um espaço relevante no contexto social. Há mais de quatro mil anos a.C., alguns povos já faziam uso de substâncias psicoativas, com o intuito de entrar em contato com os deuses, a partir de seus rituais que provocavam êxtases forjados pelos alucinógenos. Com o desenrolar dos acontecimentos, verificou-se também, o uso dessas substâncias pelos mais distintos povos, utilizadas de modo peculiar e de acordo com a cultura na qual estavam inseridos.

De fato, as drogas continuam cumprindo diversas finalidades em várias civilizações, sobretudo no mundo ocidental. Perotta relembra que no início da civilização ocidental não havia uma preocupação com a restrição do uso dos psicotrópicos, já então conhecidos (PEROTTA, 2009). Os instintos tendiam a ser satisfeitos, respeitando-se as leis naturais. Gradativamente, acompanhamos a imposição de normas e estatutos para a manutenção de determinados comportamentos, através do controle social.

No âmbito da religião, este controle acontecia através da ritualização e sacralização do elemento tóxico, como no caso do vinho nos cultos a Baco, e, posteriormente, com outra conotação, na tradição judaico-cristã, em que se chega ao ápice da repressão religiosa, como reguladora de comportamentos na Idade Média. Há, porém, grande diferença entre os rituais de Baco e as missas cristãs. Se, no primeiro caso, buscava-se o êxtase e se celebrava o espírito do vinho, no segundo, celebra-se o sacrifício. Tal diferença simboliza, de forma singular, a transformação do lugar do prazer e da satisfação dos instintos ao longo da história. Assim, cada vez mais as sociedades foram se moldando com base na lei, na ordem e na hierarquia. A civilização ocidental na Idade Média, por exemplo, sobre influência do clero, repudiava o prazer e a forma de reter os excessos da instintividade por influência religiosa.

Nesse contexto, Perotta relembra que, posteriormente, o iluminismo trouxe o declínio da influência religiosa no cotidiano das pessoas. Em contrapartida, os novos processos de produção, ao exigir trabalhadores mais disciplinados, tornaram a embriaguez um obstáculo à produtividade. Aos poucos, o que era pecado foi se transformando em crime e, mais recentemente, em doença.

No fim do século XIX, com os avanços da química e da farmacologia, substâncias fortes e com alto poder dependogênico e químico, como a cocaína e a heroína, foram sintetizadas. Além disso, o fácil acesso às seringas, possibilitavam a introdução da substância no corpo, de modo a favorecer maiores efeitos e propiciar maiores índices de dependência.

Devido ao alto número de dificuldades apresentadas por indivíduos acometidos pelo uso abusivo dessas substâncias e pelo aumento de dependentes, a

problemática passou a ser vista como uma questão de saúde pública, adquirindo espaço no âmbito da medicina, da psicologia e das ciências sociais, dando origem, no país e no mundo, a clínicas especializadas no tratamento da dependência química. Todavia, convém distinguir aqui o usuário do drogadito. Segundo a OMS, O *usuário recreativo* é aquele que faz o uso das Substâncias Psicoativas sem grandes implicações, como a dependência ou outros problemas consequentes. A droga é usada de forma recreativa, não ocasionando danos psíquicos, sociais, econômicos ou clínicos ao indivíduo.

Já o dependente é acometido por um estado mental e, muitas vezes físico, que resulta em uma interação do indivíduo com a droga. Esta dependência caracteriza-se como um comportamento que sempre inclui uma compulsão pelo uso da droga, para experimentar o seu efeito psíquico, e às vezes evitar o desconforto provocado pela sua abstinência.

O DSM III especificou a problemática como uma patologia que necessita de cuidados específicos e classifica a toxicomania como “um conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e psicológicos indicativos de que uma pessoa tem o controle do uso de substâncias psicoativas prejudicado e persiste nesse uso a despeito de consequências adversas.” No DSM IV, o conceito recebe alterações, e a dependência é abordada como um padrão mal-adaptativo de uso da substância, levando a prejuízos ou sofrimento clinicamente significativo. Já o CID 10, trata a dependência química como *adicção* e a define como um uso repetido de uma ou mais substâncias psicoativas, a tal ponto que o usuário fica periodicamente intoxicado, apresenta compulsão para consumir a substância preferida, tem dificuldade para interromper ou modificar voluntariamente o uso, demonstrando determinação em obtê-la por qualquer meio.

Estes serão os temas tratados na presente pesquisa, e embasado nos pressupostos psicanalíticos. Por isso, partiremos do princípio de que a relação com a substância vai além do poder dependogênico e químico dela, e o que irá ser constitutivo da dependência é a relação que o sujeito desenvolve com esse objeto numa cadeia identificatória.

Apesar de termos iniciado o convívio com a cocaína a partir de 1884, Freud não faz referências específicas às questões da toxicomania nos seus escritos sobre psicanálise, embora, ele mesmo tenha tratado a patologia de um amigo, tendo feito e recomendado o uso desta substância. Entretanto, ao obter efeito anestésico e não terapêutico, o autor intuiu que tal fenômeno teria relevância na história da humanidade, e não foi por acaso que em 1930, no *Mal-Estar na Civilização*, o autor fala da utilização de Substâncias Tóxicas como uma das medidas substitutivas para lidar com o sofrimento, que é inerente à vida, vejamos o que ele escreve a este respeito:

A vida tal como a encontramos é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar medidas paliativas. Não podemos passar sem construções auxiliares (...). Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos que nos fazem extrair luz de nossa desgraça, satisfações substitutivas que a diminuem e as substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis a ela (FREUD, 1930, p.83).

Segundo Freud, essas satisfações substitutivas são ilusões, pois, em contraste a isso, outras realidades podem ser oferecidas como substitutivos, por exemplo, a arte, a literatura e a sua função estética na qual a fantasia assume um papel importante na vida mental. Contrapondo-se, assim, as substâncias tóxicas que possibilitam essas fantasias, a partir das alterações químicas que provocam no corpo.

Dentro desse contexto de satisfações substitutivas e ilusões, o que mais nos inquietou, foi observarmos a presença constante de marcas corporais nos sujeitos toxicômanos. As tatuagens, os *piercings* e as escarificações aparecem de maneira mais primitiva, e em alguns momentos feitos de forma artesanal, em pessoas de menor nível social, enquanto nas socialmente favorecidas se apresentam com maior cuidado de elaboração e investimento. São notáveis as marcas decorrentes da situação de risco e vulnerabilidade em que se encontram esses indivíduos, como cicatrizes de tiros, de facadas, amputações de membros e até mesmo sequelas físicas de doenças clínicas provocadas pelo uso abusivo dessas substâncias tóxicas.

Como as drogas, o uso das marcas corporais é também um traço que sempre esteve presente em várias culturas. Os indígenas, indianos e egípcios fizeram e fazem uso desses instrumentos simbólicos como meio de demarcar sua classe, de estabelecer rituais, mas também como adornos, ou seja, como sinônimo e sinal de vaidade com repercussões relevantes na história cultural da moda. Vê-se que tanto o uso de drogas como o de marcas corporais estão presentes em diferentes culturas e épocas, porém, associados a rituais e, portanto, inseridos em um contexto próprio de organização social. Na atualidade, chama a atenção, a forma com que alguns indivíduos se relacionam com a introdução de tais marcas na própria pele, isto é, destituída de qualquer caráter ritualístico. Em contrapartida, nas clínicas de tratamento de dependência, é notável a observação dos sujeitos com corpos depauperados com o efeito dos tóxicos.

O corpo é também um tema de grande incidência nas diversas áreas do saber, tendo sido abordado nas construções psicanalíticas desde os escritos freudianos, indicando que a constituição corpórea dos sujeitos se dá através da conversão do corpo biológico em erógeno, por um processo de marcação, essa que tem como agente principal a mãe. Conte refere-se a estimulação de determinadas partes do corpo como responsáveis pela produção de satisfação, sendo na intersecção entre o psíquico e o somático que se originam as pulsões (CONTE, 1998).

Fernandes aponta para as construções de Freud que anunciam a impossibilidade de que o corpo seja confundido com um organismo biológico, pois, ele se apresenta como o palco em que irá se desenrolar o complexo jogo das relações entre o psíquico e o somático. Esta dupla inscrição será evidenciada a partir do conceito de pulsão, em que se demonstrará que o conjunto de forças orgânicas em movimento habita um corpo, que é também lugar da realização dos desejos inconscientes (FERNANDES, 2008).

É com a inscrição simbólica no corpo da criança que se manifestará a possibilidade de diferenciação das zonas erógenas, simbolização esta, possível apenas através da introdução de uma função terceira, que irá favorecer o rompimento da completude inicial vivenciada pelo bebê e sua mãe, propiciando a este indivíduo o estatuto de ser desejante. Esta introdução terceira se inicia com a

assagem pela fase do espelho, que, segundo Rosa , comentando Lacan, determina um período em que a criança forma uma representação de sua unidade corporal por identificação à imagem do Outro (ROSA, 2002). Esse momento é concretizado pela experiência da criança com a sua própria imagem no espelho. Essa passagem é identificada por Lacan como a matriz na qual se formará um primeiro esboço do ego.

A esse respeito, Olivenstein refere, no tocante ao toxicômano, que a passagem pela fase do espelho é quebrada, e que este seria um acontecimento intermediário entre o estado do espelho bem-sucedido e o estado do espelho impossível (como acontece com os psicóticos). Para o autor, o sintoma toxicômano assume o poder quando as vias de transmissão da lei estão impedidas. Quando existe, por exemplo, um segredo não dito, constituindo-se de forte angústia para o indivíduo, este terá extrema dificuldade em construir um eu adulto (OLIVENSTEIN, 1985).

Acontece que no momento exato da formação de um ego diferente do *gomãe*, no momento da descoberta da imagem de si, o espelho se partiu, refletindo uma imagem quebrada, incompleta, em que os vazios deixados pelos pedaços ausentes só podem remeter àquilo que existia anteriormente: a fusão, a indiferenciação.

Tal argumento, utilizado por Olivenstein vem fortalecer a ideia de que a toxicomania pode ser observada como uma questão decorrente da imagem, em que há deficiência na introdução da função paterna; função esta que possibilita a inserção do sujeito na cultura, e que também é responsável pelo advento do simbólico. O enfraquecimento disso levam-no a buscar a toxicomania como uma marca de distinção, e as questões referentes ao uso de drogas vêm resumir as suas identidades. Dessa forma, tudo o que não é passível de ser simbolizado, ganha forma ao se inscrever no corpo.

Há outras teorias que tomam vieses variados em relação ao uso das drogas além das definições médicas e psicanalíticas anteriormente citadas. Escobar, por exemplo, levanta a possibilidade de se observar esta questão como sendo também uma construção social, e como tal instaurada a partir de seus valores, transitando entre seus diversos segmentos, participando e compartilhando do mesmo patamar

a sociedade de consumo em que, mais do que um problema, a droga associa-se a uma solução, uma forma de atalho sobre a realidade e sua carga de adversidade. Nesse contexto, as drogas ilícitas constituem um traço transgressor desta cultura e por isso nunca vivemos tão mergulhados na presença das drogas quanto hoje. Neste estudo priorizaremos a compreensão de Olivenstein, por fornecer sustentabilidade à questão por nós aqui levantada (ESCOBAR, 2005).

Também as marcas podem ser lidas como uma construção social, como uma arte de vanguarda que expressa o mal-estar contemporâneo ante uma sociedade que valoriza o consumo. As marcas presentes em alguns drogaditos se apresentam com uma certa singularidade. Este ponto nos fez questionar, em torno da associação, sobre a necessidade de construção das marcas corporais e o uso das substâncias psicoativas. Levantamos a questão de que esse movimento vem denunciar a necessidade de completude vivenciada por tais sujeitos, em que está presente a busca por um gozo que envolve todo o corpo, fornecendo marcas e sensações por dentro e por fora. Parece-me que há nesses sujeitos uma necessidade de adquirir consistência identitária como algo que pode ser estabelecido com a aplicação de algo externo no corpo, ou pela assimilação de substâncias psicoativas, bem como a demarcação da pele, como se, de alguma forma, buscasse um gozo que envolvesse o corpo em sua dimensão interna e externa.

A prática profissional no Instituto Raid, aliada à prática dessa demanda em consultório, vem possibilitando a verificação e a constatação do crescente número de usuários de substâncias psicoativas que vêm “pagando com a carne” ¹ as dívidas simbólicas que foram adquiridas no decorrer da constituição psíquica de si mesmos enquanto sujeitos e que, por isso, buscam o serviço de psicologia, o que nos leva a entendermos melhor essas novas organizações psíquicas e suas formas de sintomas.

Nosso interesse pela clínica da toxicomania, portanto, encontrou ressonância no projeto de Pesquisa da professora Dra. Edilene Queiroz, que vem desenvolvendo um importante projeto com o tema: *O social e as patologias do corpo:*

¹COSTA, A.L.L. da. Drogas. *Pagar com a carne?* Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Tóxicos e Manias, Porto Alegre, n.26, 2004.

problematizando dor e gozo, projeto este aprovado e financiado pelo CNPq, cujo objetivo é analisar o circuito pulsional nas psicopatologias do corpo, configuradas no contexto social contemporâneo, tomando a dor e o gozo como eixos de discussão. Tal projeto vem sendo desenvolvido no Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Católica de Pernambuco.

Deste modo, o que nos mobilizou, além dos motivos expostos acima, foi a carência de investigação, de pesquisa séria e aprofundada, em torno desta problemática da relação entre toxicomania e marcas corporais. Ao mesmo tempo, a observação da necessidade de pesquisar e associar ao nosso estudo o porquê da introdução da substância no corpo e a marcação da pele. Alguns desses sujeitos se marcam enquanto estão sob efeito do tóxico, e outros, para se marcar, fazem uso da droga. Isso nos leva a questionar também se o que eles buscam é uma anestesia da dor ou uma forma de torná-la mais evidente. Observamos nesses indivíduos a necessidade de adquirir consistências identitárias, como referimos acima, e nos pareceu que a assimilação de substâncias psicoativas e a marcação no corpo, na pele lhes fornecem a possibilidade de habitar um corpo, e por esse motivo é estabelecida uma relação do sujeito com um corpo gozoso.

A nossa proposta de estudo vem apontar para uma possível conjunção do uso das marcas corporais e a utilização de drogas, o que confere uma importante contribuição no que se refere ao estudo e entendimento de um dos sintomas que atualmente tomam a nossa prática, mas, exigente, pedindo de nós um novo posicionamento clínico para o direcionamento do tratamento.

Para isto, trataremos no primeiro capítulo das questões referentes à constituição dos sujeitos em psicanálise para, em seguida, entender o que ocorre nessa constituição para a possível eclosão de uma toxicomania, com base nos preceitos teóricos de Olivenstein. Posteriormente, abriremos uma discussão sobre o modo como essa patologia se apresenta na contemporaneidade.

No segundo capítulo, nos dedicaremos a um estudo sobre o corpo, trataremos das formas atuais de seu uso, com base na teoria de autores contemporâneos e cientistas sociais, para em seguida observarmos como a

psicanálise concebe a constituição corporal dos sujeitos e qual a relação que essa constituição tem com a formação da identidade.

Por fim, discutiremos a questão central deste estudo, que é o corpo na toxicomania. Para isso, nos guiaremos a partir de estudos de autores abalizados da atualidade, que vêm se debruçando sobre tal questão. E, por último, realizaremos a análise e discussão dos dados colhidos na pesquisa de campo.

CAPÍTULO 1

SUJEITO, TOXICOMANIA E CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, focalizaremos o sujeito toxicômano. Primeiramente, apresentaremos uma discussão sobre a constituição do sujeito em psicanálise, a fim de se entender a partir dela o que pode ocorrer para acontecer uma toxicomania. Para isso, recorreremos aos pressupostos teóricos de Claude Olivenstein, uma vez que oferecem sustentabilidade à questão a ser levantada no decorrer da dissertação: a toxicomania pode ser observada como uma questão de imagem. Por último, tratamos a respeito da forma com a qual os sujeitos toxicômanos se apresentam na atualidade, pois constatamos o realce que autores modernos dão à forma com que a contemporaneidade vem potencializando a tematização da instalação deste tipo de dependência.

Para Santiago, a palavra Toxicômano surgiu no discurso da psiquiatria, que, em meados do século XIX, passou a considerá-la isoladamente, como categoria clínica específica, relacionada à inclinação impulsiva e a atos maníacos. Assim, a toxicomania é um fenômeno cujas circunstâncias históricas e ideológicas a cristalizaram como uma entidade: a Toxicomania. Submetido ao discurso medicalizante fascinado pelos efeitos fisiológicos das drogas, o fenômeno passou a ser regulado pelo pensamento normativo e comportamentalista. Em razão das complexas dificuldades apresentadas por indivíduos acometidos pelo abuso de drogas e do aumento de dependentes, a problemática transformou-se em questão de saúde pública (SANTIAGO, 2002).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece diferenças relevantes quanto aos tipos de usuários de drogas. O usuário experimental utiliza determinada substância poucas ou raras vezes. O usuário recreativo a utiliza em eventos sociais ou como relaxante, sem implicar danos. Já o usuário problemático, ou nocivo, apresenta um padrão de consumo que causa danos à saúde física ou mental e comumente traz consequências sociais adversas. Por último, o usuário dependente fica comprometido mental e fisicamente em decorrência do uso abusivo da droga, tudo isso caracteriza-se pelo comportamento compulsivo de uso abusivo da droga,

seja para experimentar o seu efeito psíquico e, seja para evitar o desconforto provocado pela sua abstinência.

Neste estudo, não trabalhamos com todas as categorias de usuários descritas pela OMS, pois, nosso foco é a relação do sujeito dependente com o seu próprio corpo.

A este propósito, evidencia-se o profundo mal-estar psicossocial cristalizado pela falta de limites, de identificações simbólicas e de ideais que facilitem o processo de identificação. Como tal processo é frágil, os indivíduos buscam identidades que lhes propiciem o estatuto de sujeitos, uma identificação que é feita em níveis corporais e psíquicos, mas nunca ontológicos. A busca utópica de plenitude os leva a querer preencher aquela falta com pequenos objetos que só proporcionam a sensação momentânea de plenitude.

Segundo Santiago, o sucesso da droga na modernidade não poderia ser concebido fora do contexto do declínio crescente do pai, porque a significação dele como algo capaz de permitir o rompimento da relação do toxicômano com o gozo fálico leva infalivelmente à questão do pai, pois só a função paterna pode barrar a necessidade de evitar o encontro com tal gozo. Ainda conforme o mesmo autor, para a psicanálise, o pai estabelece a conformidade entre a lei do desejo e o regime edipiano, isto é, o mito individual em que se realiza a interdição do desejo de gozo na mãe. Nesse contexto, a significação fálica vai apontar para a criança a lei paterna, na medida em que a instauração desta no processo de metaforização do desejo da mãe pelo Nome-do-Pai equivale à proibição do gozo primordial na mãe.

Ao lado disso, observamos que no universo familiar vêm-se apresentando novos modelos e configurações que mudam drasticamente o modelo familiar tradicional e, no contexto atual, a mulher vem assumindo diversos papéis e funções, coisa que não era comum em tempos idos. É perceptível, portanto, o desaparecimento da hierarquia do casal, à medida que o declínio do sistema do patriarcado se torna cada vez mais evidente e abre espaço para a invasão da figura materna. Os recursos disponibilizados pela ciência, por vezes, favorecem não só a exclusão do papel do pai na concepção e formação de seus filhos, mas o aumento do domínio materno. Entretanto, ressalta Lebrun, o amor materno exclusivo deixaria

o sujeito totalmente preso ao imaginário; é só com a intervenção da função terceira na relação mãe-filho que se torna possível a manobra necessária para o reconhecimento do simbólico (LEBRUN, 2002).

O declínio do Nome-do-Pai e a escassez do simbólico têm contribuído para a formação de uma sociedade hedonista, na qual se releva a experiência sensitiva de prazer em detrimento da expressão pela fala, pelo desejo. Os sujeitos, então, desprovidos de traços identificatórios, deficientes dos recursos da fala como suplência, encontram no gozo o modo de existir.

De fato, na sociedade atual tem surgido um expressivo número de patologias que denunciam os estragos ocorridos no contexto em que o Outro não mais existe, ou seja, vivemos uma época escassa de ideais positivos. Em outras palavras, a civilização se transformou em sistema de distribuição de gozo. A incapacidade de simbolização leva à presença massiva de passagens ao ato; então, o corpo assume lugar de destaque. Tal mudança no universo patológico nos obriga a enfrentar desafios teóricos e clínicos que interrogam tanto o plano individual, quanto o social.

Dentre as diversas patologias, interessa-nos a toxicomania, pois partimos do pressuposto de que se trata de uma das manifestações que obedecem a uma modalidade de gozo, questionando o estatuto e o valor da vida na contemporaneidade, um gozo que instiga os limites do corpo e desafia a morte.

1.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM PSICANÁLISE

O processo inicial da vida de um sujeito é de essencial importância para que se estabeleça sua organização psíquica. Por tal razão, faremos inicialmente um percurso que vai desde a constituição psíquica dos sujeitos, até a relevação da passagem pelo Estádio do Espelho e pelo Complexo de Édipo. Isto a fazer, porque o entendimento adequado desses momentos nos possibilitará a compreensão de que, quando esta passagem ocorre de maneira inadequada, é possível haver o estabelecimento e a incidência da toxicomania. A propósito, existem hipóteses de

que a falha das instâncias do Espelho e de Édipo instaura no futuro o estabelecimento de tal patologia.

O lugar ocupado pelo indivíduo no universo familiar e no imaginário dos pais é estabelecido antes mesmo do nascimento: é marcado pelo jogo fantasmagórico que cada um dos progenitores mantém com o seu próprio desejo. Aí a criança é envolvida, atravessada pelo desejo do casal parental. Zeferino Rocha, comentando Freud, afirma que a relação mãe-filho já se estabelece desde o primeiro momento da concepção, motivo pelo qual a mãe atribui ao bebê um corpo imaginado, objeto de seu investimento libidinal. Contudo, este deve ser tratado como um outro que não ela, apesar de estar dentro dela. Para isso ocorrer, é preciso que a mãe seja castrada em seu desejo de unidade com o filho (ROCHA, 1993).

Inicialmente, mãe e filho vivenciam um momento de completude narcísica onde a mãe é a responsável por suprir todas as necessidades do filho. Nesta situação, o filho vivencia a fase do narcisismo primário, da onipotência narcísica, do ego ideal.

Segundo Piera Aulagnier, a relação da mãe com o corpo do bebê comporta um momento de prazer erotizado, permitido e necessário para a constituição dele; logo, a ancoragem somática do amor materno dá consistência ao corpo singular da criança. Este componente somático da emoção maternal transmitido no corpo a corpo é um prazer sensorial partilhado por ambos. Em tal campo sensorial – uma vez que a criança já não está no corpo materno –, o olhar, em vez do cordão umbilical, coloca-se como ponto de conexão junto com o sentido do tato. A acessibilidade necessária à constituição somática do filho, portanto, se dá através do olhar maternal (AULAGNIER, 2003). Edilene Queiroz, comentando Merleau-Ponty, diz: “Sem o olhar do outro, não existimos, mas a maneira como somos olhados define um destino” (QUEIROZ, 2006, p.61). Antes mesmo de ser capaz de olhar e perceber o que é verdadeiro, o bebê é envolto pelo olhar materno, que lhe atribui um sentido e lhe imprime uma marca.

Na concepção lacaniana, este momento inicial compreende a alienação vivenciada pela relação dual mãe-bebê, responsável pela causação do sujeito inserido no campo do Outro.

Bruce Fink, comentando Lacan, pontua que o sujeito existe na medida em que é moldado pela palavra; ou seja, antes da alienação, não há possibilidade do sujeito advir, pois ela (a alienação) representa a instauração da ordem simbólica e a atribuição do sujeito nessa ordem. Dizendo de outra forma, é um lugar que ele não detém ainda, mas um lugar designado a ele. O sujeito está completamente submerso pela linguagem, que é o único marcador de um lugar na ordem simbólica (FINK, 1998).

No primeiro momento, o corpo da criança é visto apenas como um aglomerado de objetos parciais investido pelas pulsões de modo auto erótico. Isso possibilita o término da vivência singular, designada por Lacan como fantasma do corpo esfacelado, que significa a passagem pelo estágio do espelho, em que, através da identificação primordial da criança com o Outro materno, haverá a promoção da estruturação do Eu. Segundo Lacan, o estágio do espelho possibilita uma relação do organismo com a sua realidade, determinando a representação de uma unidade corporal concretizada mediante a imagem do outro (LACAN, 1949).

Pelo fato da criança estar inicialmente sujeita ao registro do imaginário, prevalece certa confusão entre ela e o outro, porque se fragmenta a imagem corporal que, neste momento, é determinada pelas experiências sensitivas nas diversas partes do corpo. Ao se olhar no espelho, a criança espera que o adulto, presente com ela na cena, confirme ser a imagem dela ali projetada. Este ato possibilitará que, ao se voltar para o espelho, ela se reconheça como totalidade unificada. Podemos designar este momento como “eu ideal,” no qual se dará a origem das identificações secundárias.

Para Lacan neste momento, a forma do corpo do indivíduo se dá como uma Miragem e a maturação de sua potência é dada como Gestalt, ou seja, numa exterioridade mais constituinte do que constituída, e simboliza a permanência psíquica do eu, ao mesmo tempo em que prefigura a sua distinção alienante.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma

de sua totalidade que chamamos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1949, p.50).

Tal experiência se configura em lógica paradoxal à medida que fornece a sensação de domínio, possibilitada pela unificação da imagem. Também proporciona decepção, por levar à constatação de que permanecerá na dependência do outro, mas também porque encontra conforto entre o desejo do outro e o seu próprio desejo.

Pelo que foi exposto acima, a completude narcísica do filho com a mãe é, a princípio, de suma importância para que a criança suporte, não só sua entrada no mundo, como também a angústia mobilizada pelo ato do nascimento. Entretanto, convém, em determinado momento, impor-se um terceiro elemento nessa relação. Edilene Queiroz comentando Soler, afirma a necessidade de a mulher que há dentro da mãe voltar seu olhar para o homem e poder assumir a presença do seu desejo de mulher, o que a torna “não toda” para o filho. Tal divisão confere ao sujeito o estatuto de ser desejante, faltoso. Neste processo, a castração simbólica é possibilitada pela passagem do mundo imaginário das ambições fálicas e desejos narcísicos para o mundo simbólico das relações intersubjetivas (QUEIROZ, 2006). O agente da castração simbólica é o pai simbólico enquanto representante da lei, entendida como terceiro – agente de toda uma série de cortes a que a criança se submete desde o nascimento.

O fenômeno edípico compreende a inscrição de tudo o que é constituinte do social no indivíduo. O social é sempre marcado pelas interdições, e o ponto inaugural da imersão do sujeito nesse universo é a proibição do incesto. Segundo Freud, as escolhas objetais feitas pela criança nos primeiros tempos são os pais, preferencialmente a mãe; as figuras parentais, portanto, se transformam em objetos de desejos eróticos, gerando uma rivalidade que levará a relação a se constituir pela dialética amor e ódio: amor à mãe e ódio ao pai. Freud, então, se utiliza do mito de Édipo para ilustrar a expressão desse desejo infantil.

Na tragédia grega, Sófocles narra que Édipo, sem saber, assassina o próprio pai (Laio) e casa com Jocasta, sua mãe. Ao descobrir a verdade sobre sua origem, filho e mãe se castram: ela comete o suicídio e ele cega-se e se exila da pátria-mãe. Nesse drama clássico, fica clara a implicação do desejo do filho pela mãe e vice-versa, os quais, mesmo distanciados, traçam caminhos inconscientes de reencontro.

De acordo com Lacan a psicanálise, ao revelar a existência de pulsões sexuais na criança, admitiu que os objetos sexuais da criança são os mais próximos dela: primeiro, a mãe; segundo, o companheiro desta. Tal pulsão constitui a base do Complexo de Édipo, e a castração dela, o seu “nó” (LACAN, 1938). Esta castração, produzida pela existência de um(a) parceiro(a), tem um efeito educativo, pois impede a realização do desejo edipiano de se acasalar com o pai ou a mãe. Ao mesmo tempo, a criança adquire certa intuição da situação proibida. É que, nesse processo, o progenitor do mesmo sexo surge como rival e agente da interdição sexual. A tensão se resolve, por um lado, pelo recalçamento da tendência sexual que, a partir daí, permanece latente; por outro, pela sublimação da imagem parental que se perpetua na consciência como ideal representativo, norteador de futuras atitudes psíquicas do sujeito. Este duplo processo tem importância fundamental, pois permanece inscrito no psiquismo em duas instâncias: no Super eu (que recalca) e no Ideal do Eu (que sublima).

Para Lacan, o processo de identificação e subjetivação se dá pelo estágio do espelho e pela dinâmica edipiana. No início da relação mãe-filho, a criança é o falo, ou seja, o símbolo do desejo do desejo da mãe; ela se identifica com a mãe, colocando-se no lugar do seu objeto de investimento. Nesse sentido, ainda não se pode ver a criança como sujeito, mas como complemento da falta da mãe. O pai aparece operando o corte da díade mãe-bebê; logo, entra como privador da criança e da mãe, pois ele se faz presente na relação, colocando-se como objeto de desejo da mãe e mostrando ao filho a existência de um outro que é desejado por ela. Isto produz na criança um sentimento de ser em falta, ou numa terminologia nova, ser faltoso, incapaz de ser o complemento exclusivo da sua mãe. Assim, o filho sai da condição de ser o falo materno para se identificar com o pai, como portador do falo: ter um falo que possa ser oferecido a ela. Instala-se, então, a rivalidade edípica.

Fink, ao comentar Lacan, afirma que a função paterna leva à assimilação de um nome que neutraliza o desejo do Outro, fato bastante perigoso para a criança, uma vez que ameaça engoli-la. Segundo ele:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo, fechar sua bocarra, o desejo de mãe é isso (Lacan apud Fink, 1998, p.79).

Portanto, conforme a citação, para Lacan o desejo da mãe é reintrojetar o seu filho, coisa inviável quando o pai exerce sua função de forma satisfatória.

Ainda de acordo com Fink (1998), a expressão *désir de la mère* (desejo de mãe) mantém a ambigüidade tanto em francês quanto em português, pois indica tanto o desejo da criança por sua mãe quanto o desejo da mãe pela criança. Logo, a fim de proteger a criança da situação de dualidade e ambivalência potencialmente perigosa, é necessário a substituição do desejo da mãe pela metáfora paterna.

De início, o Nome-do-Pai, enquanto significante, ainda não produz efeito pleno, uma vez que não é deslocável. Convém que um passo seja dado em direção àquilo que substitui o lugar do desejo do Outro materno que funciona como significante permanentemente desenvolvido e se torna parte essencial do movimento dialético dos significantes, isto é, deslocável e inserido em uma cadeia.

A substituição subentendida pela metáfora paterna só é possível por meio da linguagem, na medida em que o significante Nome-do-Pai se instala, fazendo suplência ao significante Outro materno. Assim, a metáfora paterna desempenha a importante função de simbolizar o desejo do Outro materno, transformando-o em significante e promovendo uma quebra na unidade mãe-criança, o que permite a cada um a constituição de espaço próprio. Daí os fundamentos do advento do sujeito como sujeito desejante. A este respeito Fink escreve que:

Assim, ao se instalar esse segundo significante (o Nome-do-Pai), o primeiro é determinado retroativamente, o sujeito em sua condição

de ser faltoso é precipitado e o desejo do Outro materno assume um outro papel, o de *objeto a* (FINK, 1998, p.81-82).

Logo, são as figuras parentais, as responsáveis pela inserção da criança no seio social. A família, então, constitui o lugar onde se desenvolvem as percepções necessárias para se ter acesso à cultura. Isso porque, mesmo sendo de caráter privado, funciona de modo a estabelecer laços com o social, pois a função do pai é de representante da lei, cujo papel é o de transmitir a legitimidade na continuidade temporal.

1.2 O SUJEITO TOXICÔMANO

Como já dissemos, partimos do pressuposto de que há diferenças na constituição psíquica dos sujeitos dependentes e dos não dependentes. Para tratar disso, recorreremos à literatura específica acerca do tema, que apontam para possíveis falhas na constituição dos sujeitos, que levam à toxicomania. A propósito, o desenvolvimento psíquico do homem é sempre marcado por uma série de momentos traumáticos – o nascimento, o desamparo inicial, a introjeção da lei, o próprio processo de identificação e subjetivação –, os quais põem o sujeito em estado de angústia. Isso nos mostra o alto grau de vulnerabilidade ao qual está submetida uma criança.

Conforme abordamos anteriormente, Lacan postula o estágio do espelho e a metáfora paterna como constitutivos da identidade do sujeito. A capacidade de se descobrir num espelho e a entrada no simbólico tornam a criança apta a romper a fusão com sua mãe.

Um dos autores que trabalharam essa questão na toxicomania foi Olivenstein (1985). Ele refletiu sobre a possível falha na construção do espelho no caso dos dependentes químicos. De acordo com o autor, o toxicômano fez a passagem pelo espelho quebrado. Em outras palavras, houve um acontecimento intermediário entre

o estágio do espelho bem-sucedido, como vimos anteriormente, e o estágio do espelho impossível, conforme acontece com os psicóticos (OLIVENSTEIN, 1985).

Com relação aos psicóticos, vê-se que houve uma dificuldade materna de lidar com a própria falta e com a referência do Outro; a mãe rejeitou a possibilidade do filho ser fruto de um desejo partilhado, e a criança entra na relação dual com a mãe, ocupando o lugar do seu complemento, como falo da mãe. De acordo com Zeferino Rocha (1993), ao comentar Freud, o filho tornou-se prisioneiro do imaginário da mãe e não se estruturou como um ser desejante e autônomo. Neste tipo de relação, não há distância nem mediação entre o eu e o outro. Assim, tanto a proximidade quanto o afastamento do objeto primordial representam angústia insuportável.

Já no caso do dependente, segundo Olivenstein, a dificuldade esteve no lado paterno, na maneira como o pai representava a criança e, por conseguinte, como ele se introduziu na relação mãe-bebê. Ao drogadito nunca faltou o afeto materno; faltou um pai que o desejasse. De acordo com o mesmo autor, esse não-desejo do pai permaneceu na história da criança como um não dito, enfraquecendo o exercício da função paterna. Sabemos que, quando existe um segredo ocultado pela tradição familiar, ele gera forte angústia no indivíduo, que terá extrema dificuldade em gerar um eu adulto. Logo, não podemos falar de exclusão do Nome-do-Pai, como na psicose. Na toxicomania, a mãe reconhece o pai e volta o seu olhar para ele; porém, por este não conseguir funcionar como objeto de identificação, sua intervenção se dá de modo insuficiente, negativo, quer seja pela não demonstração do desejo de nomear a criança, seja pela abdicação do seu papel de pai.

Na metáfora do espelho quebrado a que se refere Olivestein, o sintoma toxicômano assume o poder quando as vias de transmissão da lei estão impedidas e o sujeito precisa apaziguar a angústia. O autor mostra que, no momento exato da formação de um ego diferente do ego-mãe, no momento da descoberta da imagem de si separado da imagem da mãe, faltou que a imagem do pai se colocasse para dar consistência e sustentação ao filho como sujeito. Por isso o espelho se partiu, não refletiu uma gestalt, mas a imagem quebrada, a incompletude, na qual os vazios deixados pelos pedaços ausentes só podiam remeter àquilo que existia anteriormente: a fusão, a indiferenciação como forma de escapar do desamparo,

uma vez que o pai não entrou para fornecer a sustentabilidade necessária. Tal movimento ambíguo de reconhecimento e ruptura criou a sensação avassaladora de vazio. A partir daí, o indivíduo se estabeleceu num estado limítrofe: agora, no decorrer de sua vida, vai “jogar com essa simultaneidade do reconhecimento e de sua impossibilidade” (OLIVENSTEIN, 1985, p.86).

Quando falamos da ruptura que acontece no movimento do toxicômano, estamos nos referindo de um movimento que não se dá em sentido único; tal processo acontece no sistema mãe-filho, quando o papel que desempenha na economia libidinal não funciona bem. Para haver a ruptura, vários choques são recebidos pela mãe e também devolvidos por ela. A reiterada devolução de tais choques, durante a infância, contribui para o enfraquecimento do ego do toxicômano. Tal ruptura se estabelece numa cinética da relação mãe-filho causada por inúmeros fatores que levam a criança a viver no lugar de um outro, e toda tentativa de reivindicar um lugar próprio conotaria uma não identidade, justamente porque o pai que deveria situá-lo num lugar próprio, não o faz, não nomeando-a como filho, pois a criança se apresenta, para ele, como algo imposto. Por tal razão, Olivenstein (1985) pontua que o sujeito toxicômano sempre vivencia uma sequência de atuações, sob orientação do imaginário, através do qual tenta reviver instantes privilegiados de sua infância, pois, para ele, privilégio aconteceu, mas foi quebrado e não interdito.

Neste contexto, não há substituição do desejo da mãe pela metáfora paterna, e sim vazios deixados pelo espelho quebrado, os quais são remendados com a tentativa de se fundir-se novamente ao objeto, a fim de se evitar a angústia avassaladora. Conforme vimos, diferentemente da psicose em que a criança permaneceu fusionada à mãe, na toxicomania houve a quebra da relação com a mãe, mas o sujeito tenta restaurar a fusão inicial promovida pelo efeito que a droga proporciona.

Em resumo, a questão da toxicomania representa a impossibilidade de organizar-se com o simbólico, pois, o rompimento da ideia inicial de completude não foi instaurado pelo advento da metáfora paterna. Para o toxicômano, a não simbolização da falta inaugural é insuportável, justamente porque não se deu por

substituição (desejo da mãe pela metáfora paterna), e sim pela quebra do espelho. A droga entra como objeto postíço responsável por livrá-lo da angústia estabelecida.

Escolhemos como referência principal a teoria de Olivenstein por ela fortalecer a idéia de que a toxicomania pode ser observada como uma questão de imagem, porém, outros autores aqui abordados, tratam a questão da drogadição sobre outros vieses, trazendo contribuições a respeito do assunto, muito embora essas contribuições não contradigam o que propõe Olivenstein.

Lamb aborda a relação com a droga como uma possibilidade de se reviver a sexualidade infantil, ou seja, com a droga, o sujeito vive o auto-erotismo. Isso quer dizer que no concernente à fantasia, a droga poderá ser uma tentativa de dar conta da perda do objeto, um tamponamento da falta, tão insuportável na existência do indivíduo. Destarte, o consumo de drogas se inscreve num circuito pulsional; assim, a sedução por elas é fascinante pela promessa de que o sujeito não haverá de se confrontar com o desamparo (LAMB, 2003).

Para Costa, no sujeito drogadito a busca pela completude é sempre constante, o que dispensa a confrontação com o desejo, pois ele não suporta a possibilidade de se deparar com a castração (COSTA, 2004).

Braunstein trata a questão da droga considerando o gozo e a lei; a vida e a cultura, o nome ou o anonimato; a dívida, o sacrifício e a partir das preocupações atuais de ordem pública podemos acrescentar também, o tráfico. Na toxicomania, o objeto droga que recalca a submissão ao Outro permite acesso privilegiado ao gozo, que é um modo de impugnar a exigência do Outro e de renunciar ao gozo: não há dívida simbólica. Daí o êxito da droga e seu custo nas palavras de Braunstein:

[...] a droga é o par que sucede ao divórcio com a ordem fálica, com a admissão da falta. É promessa de paraíso onde o Outro é substituído por um objeto sem desejos nem caprichos, cujo único problema é o de procurá-lo no mercado e que não traiçoa. O drogado não quer pagar a sua dívida com o pai, como Outro que exige renunciar ao gozo para entrar no comércio porque (para ele) essa dívida é impagável. Mas, há o Outro que impõe que o sujeito se explique e responda pela vida que se lhe deu no simbólico, quando lhe foi atribuído um nome próprio (BRAUNSTEIN, 1990, p. 14).

Importa ressaltar que, apesar da droga já ocupar um espaço no âmbito social, desde séculos anteriores, ela encontra lugar relevante nos tempos atuais. Como vimos em Olivenstein, um pai que exerce sua função de modo insuficiente exerce grande influência na estruturação de uma toxicomania, razão pela qual, na atualidade, em que a função paterna se apresenta em constante declínio, têm-se aberto vias de acesso às mais diversas formas de patologias, e a drogadição é uma dessas que vêm ganhando forças e se estabelecendo, muito rapidamente, em nossa sociedade.

1.3 O SUJEITO TOXICÔMANO NA ATUALIDADE

Contrariamente ao uso tradicional de drogas, com caráter ritualístico e ideológico, seu consumo em excesso nas sociedades ocidentais atuais reflete importantes mudanças sociais e econômicas nos últimos séculos. Segundo Bauman, o consumismo atual não mais diz respeito à satisfação de necessidades, e sim a motivos autogerados, que não precisam de justificativa ou causa, pois se trata de um desejo que toma a si próprio como objeto, razão pela qual está fadado a permanecer insaciável (BAUMAN, 2000).

O homem contemporâneo se caracteriza pela individualidade, pela auto-referência, fruto da sociedade que preza a busca pelo prazer acima de qualquer questão. Hoje, não se admite frustração. A felicidade é almejada como um estado permanente; a mídia, o mercado e a ciência estão prontos para criar e ofertar objetos que dêem aos sujeitos a ilusão de que suas fragilidades serão compensadas. Os objetos fazem semblante à demanda narcísica de completude.

A droga é um desses objetos que servem para apaziguar momentaneamente a angústia e promover estados de felicidade. Se a característica da sociedade atual é privilegiar a completude, o poder, a fama, o sucesso, a droga tanto pode representar um caminho para se atingir o sucesso e a fama (temos exemplos de artistas e de atletas), quanto pode ser o meio para anestesiar as frustrações

decorrentes de fragilidades e incompetências, alienando o sujeito da realidade que se apresenta como insuportável.

Nos anos 1960, com o surgimento do movimento *hippie*, o uso de drogas representava a busca contestatória de determinado grupo por um ideal social e dizia respeito ao consumo com sinônimo de liberdade; o LSD, por exemplo, associava-se ao jargão “paz e amor” e a Cannabis à contemplação.

Hoje, outras substâncias que ocupam o cenário têm maior capacidade destrutiva e seu significado se relaciona a um gozo autístico, sem vínculo com o laço social. Ademais, elas estimulam a produção de elevados índices de energia, de auto-estima e auto-referência não mais associadas à busca de ilusões e idealizações; não propõem um mundo alternativo com novas maneiras de pensar.

O uso abusivo de drogas é próprio daqueles que vivem em estado de desamparo, de vazio existencial, gerando um aprisionamento do sujeito ao objeto, pois só este é capaz de apaziguar tal angústia. O drogadito atual é um homem só, sem esperanças e sem ideais, errante, com dificuldade de criar laços com os outros. Isto porque, o laço original com o pai serve de modelo paradigmático para os laços futuros. Ao se dar de modo frágil, cria uma espécie de vulnerabilidade e inconsistência dos laços e das identificações.

A drogadição, então, torna-se uma epidemia, pois a cultura narcísica, hedonista, cujo valor maior não está pautado na tradição transmitida de pai para filho, mas na valia do capital, dos objetos, alimenta sujeitos desbussolados que se agarram a objetos como fetiches como resolução para as suas dores.

A verdade do sujeito e de seu objeto de gozo nos sujeitos do capitalismo avançado é a do atravessamento da lei do mercado na lei do desejo. A própria conjuntura social, portanto, desvaloriza o lugar do pai como operador da lei que interdita o desejo. Žižek caracteriza nossa sociedade como estruturada em uma montagem perversa, quando escreve que:

Significa que, uma montagem perversa, na qual os lugares de saber e instrumento se repartem, o gozo perseguido é o gozo da montagem; o que representa o Outro é a própria montagem. Fazer o Outro gozar é a mesma coisa que fazer a montagem funcionar. O gozo que aí se obtém, ou seja, de ser instrumento do saber, que

assegura um domínio do gozo do Outro, significa recompensa exorbitante (ŽIZEK, 1996, p.82).

Segundo Lacan, o discurso capitalista está condenado à morte, pois não promove articulação entre os termos, e sim “colagem” do sujeito ao objeto – característica essencial da toxicomania. Logo, a toxicomania se insere na lógica do capitalismo, do consumo; ao mesmo tempo, este é alimentado por ela. A organização subjetiva dos drogaditos, no nosso entendimento e na ótica de Olivenstein, encontra apoio no discurso que carece de simbólico e de função fálica (LACAN, 1972).

A introdução da função paterna como possibilitadora da inserção do sujeito na cultura e como responsável pelo advento do simbólico se inscreve, de modo ineficaz, instalando-se a dificuldade de estabelecer contato com a simbolização. Assim, o posicionamento de tal indivíduo diante do discurso atual torna-se de total colagem e submissão.

Conforme comenta Siqueira, a falta de identificação com um líder torna os modelos de identificação atuais extremamente fragilizados, gerando indivíduos inconsistentes e com pouca possibilidade de dar direcionamento a própria angústia. Por tal razão, o imperativo superegoico de gozo invade-os e gera exigências de fruição patológicas. Neste sentido, tanto a toxicomania quanto as alterações e marcações corporais que colocam o corpo em estado limite aparecem para atender a esse imperativo (SIQUEIRA, 2009).

Observa-se, no toxicômano, o ímpeto de “experimentar para saber”, o que nos comprova a relação conflituosa que o sujeito drogadito estabelece com a palavra. “A palavra é o assassinato da coisa,” diz Lacan, é a capacidade de simbolização. A castração falha e a consequente relação de dependência desenvolvida pelo efeito dos tóxicos, portanto, dão testemunho da insuficiência da palavra e da instauração do simbólico. Assim, o sintoma toxicomaníaco instala-se como defesa diante da não simbolização – defesa necessária para livrar o sujeito da angústia avassaladora causada pela falta de simbolização, pois, sem a possibilidade

de simbolizar, não há também possibilidade de lidar com o adiamento da satisfação. A droga, então, entra para atender a esse desejo de forma imediata.

A linguagem, recurso para a constituição da identidade, é evitada pelos toxicômanos, pois falar significa comprometer-se com o que se diz, posicionar-se, e isso eles não conseguem. Eis a razão pela qual a clínica com toxicômanos é sempre tão difícil e desafiadora, pois os drogaditos não sabem falar de si, tampouco se comprometem com o que falam.

Ser toxicômano torna-se, para alguns, marca de distinção e traço de identidade. Encontramos, por vezes, sujeitos identificados com essa marca – personagens que agem com e pela droga, produzindo a aparência de ser pela via do objeto, querendo provar, enfim, a sua existência. Vejamos a esse respeito a transcrição do relato de um drogadito:

Quando tenho fissura fico louco, parece que o caminho até a boca de fumo é infinito, sinto muita angústia, mas quando estou com a droga em mãos e tento me picar, já muda o meu humor. Quando procuro a minha veia e não acho logo, fico com muita raiva, mas quando encontro, pronto. Ali eu me encontrei, e fico naquele estado de nirvana, pronto, ali eu volto a ser eu (Relato de um drogadito).

Além disso, o sujeito pode se apresentar de acordo com aquilo que resume sua identidade: em algumas situações, a existência do indivíduo está restrita à droga e aos problemas que o cercam. Também, nomear-se toxicômano o leva a se eximir da possibilidade de estabelecer qualquer relação entre o seu discurso e o seu desejo.

Santiago, por sua vez, traz importante contribuição, ao se referir ao significante tóxico, dizendo que:

Para a psicanálise, esse termo tem um valor identificatório. Com efeito, esse significante pode tornar-se, para certos sujeitos, objeto de uma escolha. Ser toxicômano consiste então num recurso diante do impasse de uma neurose ou mesmo de uma psicose. Esse

aspecto identificatório manifesta-se freqüentemente mediante o enunciado: "sou toxicômano (SANTIAGO, 2001, p. 185).

Diante da impossibilidade de introdução da metáfora paterna – o que gera esvanecimento dos referenciais identificatórios consistentes – a identidade perde solidez e os indivíduos se tornam cada vez mais fragmentados. A identificação aos objetos de mercado produz apenas consumidores totalmente submissos e invadidos pelo gozo. Dessa forma, o que não é passível de ser simbolizado ganha forma ao se estabelecer no real do corpo.

CAPITULO 2

CORPO, MARCAS CORPORAIS E IDENTIDADE

Tratamos, no capítulo anterior, de teorizar um pouco sobre as questões da toxicomania, abordando a constituição dos sujeitos e a forma como essa patologia se apresenta na contemporaneidade. No segundo capítulo, seguindo a proposta desta pesquisa, que é tratar das marcações corporais no grupo de toxicômanos, refletiremos sobre as questões do corpo e das marcas corporais, e mais especificamente sobre a questão do uso do corpo pelo toxicômano. Para isso, recorreremos inicialmente ao modo como os autores contemporâneos e cientistas sociais estão observando as questões dos usos do corpo nos tempos atuais. Posteriormente, iremos entender como se organiza a constituição corporal através dos pressupostos teóricos de Freud e Lacan. Num terceiro momento, refletiremos sobre o modo com que a identidade dos sujeitos tem sido constituída na contemporaneidade. E, por último, procuraremos perceber a relação dos sujeitos toxicômanos com o próprio corpo.

O corpo sempre foi objeto de atenção e preocupação do homem. Os egípcios preservavam os corpos e as imagens de quem consideravam importantes, mesmo após a morte, por acreditar que assim permaneceriam vivos. As técnicas de embalsamento e mumificação desenvolvidas por esse povo os levavam a crer que dessa forma facilitariam o caminho de retorno da alma.

Para os gregos, o corpo tinha uma grande importância. Eles o cuidavam para torná-lo belo, trabalhavam simultaneamente ao corpo a inteligência como uma virtude, e juntos – razão e estrutura física – deveriam alcançar a perfeição. Já os romanos, tomaram o corpo como instrumento de prazer e guerra. Assim como no aspecto cultural, há também uma variação do uso e sentido do corpo no que se refere às épocas. Na Idade Média, por exemplo, os prazeres sentidos através do corpo e sua manipulação tornam-se sinônimo de pecado. As práticas corporais se restringiam aos nobres que precisavam exercitá-lo para defender seu povo nas guerras. No medievo houve uma espécie de sacralização do corpo.

Mais adiante, com o fim da Idade Média, toda essa concepção de corpo muda novamente, e junto com ela, novos valores se revelam: o corpo é dessacralizado e não mais visto como algo proibido de ser manipulado. Cavalcanti comenta as ideias de Le Breton e assevera que com a dessacralização do corpo e a sua manipulação saindo do âmbito da moralidade, passam a ser realizados movimentos em que o corpo vai se tornando objeto de estudo para várias ciências, principalmente a Medicina, sendo então passível de estudos e intervenções (CAVALCANTI, 2005).

Do mesmo modo que o corpo foi manipulado de diversas formas nas diferentes épocas e culturas, as marcas corporais também foram usadas de várias maneiras e finalidades. Os indígenas, os indianos, os egípcios, fizeram uso desse recurso como meio de definir classes, de concretizar rituais, e também como adornos, com repercussões relevantes na história da moda. Ana Costa cita um trabalho de Denis Bruna, de 2001, no qual o uso de marcações corporais é percebido como um recurso utilizado desde tempos muito remotos. Costa ressalta que na África negra, os adornos, marcas, escarificações e mutilações fornecem ao indivíduo identidade e pertencimento (COSTA, 2005).

É notório que o uso de marcas corporais está presente em diferentes culturas e épocas, porém sempre associado a rituais e costumes, logo inseridos em um contexto de organização social. Na atualidade, chama a atenção a forma com que alguns indivíduos se relacionam com tais marcas, pois elas estão destituídas de caráter ritualístico e desassociadas de qualquer herança cultural que forneça ao sujeito o pertencimento a determinado grupo étnico. É evidente que entre os jovens certas marcas podem representar traços de identificação e de pertencimento a um grupo específico.

Na época atual, caracterizada pela decadência de referências sólidas e pelas identificações fragilizadas, os indivíduos buscam formas substitutivas para instaurar as marcas que deveriam ter sido introduzidas pela via do simbólico, da palavra, como visto no capítulo anterior, as quais garantiriam uma identidade, um pertencimento. Na ausência desses traços simbólicos, os sujeitos marcam o corpo no concreto, como tentativa de produzir marcas que lhes garantam uma identidade e um lugar no mundo.

2.1 CORPOS E USOS

Alguns autores como Le Breton, Lipovetsky, Bauman, falam sobre as formas de uso do corpo nos tempos atuais, muitas vezes utilizado como vitrine, como rascunho, e atendendo, assim, às diversas modalidades de desejos e subjetividades contemporâneas.

Segundo Le Breton, da mesma maneira que no período neolítico, o homem atual possui recursos físicos suficientes para a realização de produções cotidianas, conquistas de subsistência, porém, diferentes daqueles que fazem do corpo a ferramenta para sentir o mundo e alterar a natureza, nos homens atuais tais recursos são subutilizados e estão a serviço da conquista de prazer. Logo, com caráter mais narcísico do que interativo (LE BRETON, 2009).

Paradoxalmente, o mesmo autor afirma categoricamente que “o corpo está em desuso”, que a força humana, a musculatura, a mobilidade e a resistência foram substituídas pelas máquinas, pelos veículos. O consumo físico foi substituído pelo consumo nervoso, pelo estresse, e os recursos musculares só são utilizados nas academias de ginástica, uma restrição sensorial que passa a atuar de maneira significativa na existência dos indivíduos.

Ele se dá conta de que o desabono do corpo vivido pelo discurso muitas vezes radical de alguns cientistas e adeptos da cibernética tem sido também vivenciado por milhões de pessoas que se distanciaram de uma relação direta com o corpo, e hoje passam a usá-lo apenas parcialmente, “O sonho de uma humanidade livre de um corpo é lógica nesse contexto em que o veículo é rei e o ambiente é excessivamente tecnicizado, no qual o corpo não é mais o centro irradiante da existência, mas um elemento negligenciável de presença” (LE BRETON, 2009, p.22).

Neste sentido, o corpo, na atualidade, funciona como um acessório, um artefato de presença. Assim, ao submetê-lo a um *design*, o sujeito o faz parecer como representante de si, o que incentiva o desejo de se reapropriar de sua existência, criando uma identidade mais favorável, apesar de provisória. Ele, então,

passa a ser submetido a manipulações, como marcações, cirurgias estéticas, *piercings*, perfurações. A modificação das bases corporais na atualidade serve para atender a uma lógica de ideal que hoje sai do plano do desejo e se imprime como a única possibilidade de se acolher as próprias aspirações. Nestas diversas apresentações, o corpo deixa de “responder à unidade fenomenológica do homem” (Idem. p.22), tornando-se um objeto para representar uma presença, e não uma identidade.

Le Breton observa ainda que na modernidade o dualismo corpo X alma se atualiza, tornando-se um dualismo do corpo com o próprio sujeito. O autor pontua que o corpo deixa de ser um representante da identidade de si para se tornar um “kit, uma soma de partes destacáveis à disposição do indivíduo” (idem. p.28). Trata-se de um corpo maleável, objetificado, superfície de projeção. As alterações corporais testemunham a recusa radical às condições de existência de uma determinada juventude.

A cultura *Punk*, por exemplo, se insere na lógica do consumo; as marcas corporais são abduzidas pela moda, diversificam-se em uma busca de singularidade. “A tatuagem é um sinal visível na própria pele” (Ibidem, 2009, p.34), visível e definitivo, diferente da maquiagem que marca um traço de feminilidade e seu uso está inserido num contexto social específico. A tatuagem faz parte do espetáculo contemporâneo, estando neste momento desassociada da cultura.

Dentro dessa perspectiva, podemos observar que a relação que os sujeitos atuais estabelecem com os seus corpos segue a lógica da moda. A moda, segundo Lipovetsky possibilita a desqualificação do passado e a valorização do novo, a afirmação do individual sobre o coletivo. Ela impõe a normatividade não mais pela disciplina, e sim pela escolha, abrindo espaço para a subjetivação do gosto. Assim, amplia-se a autonomia subjetiva, multiplicam-se as diferenças individuais e se esvaziam os princípios sociais reguladores. O autor afirma que a ideologia individualista e hedonista permeia o modelo da sociedade atual, não havendo mais modelos determinados pelos grupos sociais, e sim normas escolhidas pelos indivíduos.

Pode-se observar que a hipermodernidade ² é caracterizada por paradoxos, tornando os referenciais individuais cada vez mais relativos, pois apesar do esforço por individuação ser recorrente, o sentido da vida está esvaziado, talvez pela falta de transcendência. Vejamos o que ele diz:

Hoje, quanto mais se avançam as condutas responsáveis, mais se aumenta a irresponsabilidade. Os indivíduos são ao mesmo tempo mais informados, mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (LIPOVETSKY, 2004, p.27).

Esses paradoxos fazem com que os sujeitos se coloquem cada vez com menos possibilidade de se estabelecer com um lugar e um sentido, embarcando sempre mais num processo interminável de dessacralização e dessubstanciação de sentido, o qual, segundo o autor, define o reino consumado da moda. “Assim morrem os deuses: não da desmoralização niilista do Ocidente, nem da angústia dos vazios de valores, mas nos solavancos do sentido” (LIPOVETSKY, 2004, p.30). Por esse motivo, os indivíduos desapossados de sentidos transcendentais possuem opiniões cada vez menos firmes e mais volúveis.

Já Bauman trata o corpo na atualidade como o corpo do consumidor, e não como corpo do produtor. O autor afirma que a vida nos tempos atuais se organiza em torno da lógica do consumo, bastando-se a si mesma, sem regras, guiada pela sedução e pelos desejos, que são, cada vez mais, impermanentes. A sociedade atual baseia-se numa ideia de comparação universal, “e o céu é o único limite” (BAUMAN, 2001, p.90).

Bauman se utiliza da ideia de saúde e aptidão para definir o abismo existente entre a “sociedade dos produtores e a sociedade dos consumidores” (Idem, 2001, p.91). A priori, ele afirma que nos tempos atuais estes dois conceitos são tratados como sinônimos, o que não é adequado, pois a saúde segue a lógica do conceito

² Trata-se de um termo cunhado por Lipovetsky quando se refere aos tempos atuais em seu livro *Tempos hipermodernos*. Cf. LIPOVETSKY, Gilles. *Tempos hipermodernos*. Ed. Barcelona, São Paulo, 2004.

normativo, existente na sociedade dos produtores. Ela demarca limites, se refere a um estado mensurável que possibilita ao homem exercer funções profissionais e sociais, necessárias para a subsistência. Já a aptidão denota um estado de pouca solidez, em que não há a possibilidade de se circunscrever com precisão, pois se trata de um estado subjetivo, de uma experiência que precisa ser sentida e vivida, e não um estado que possa ser percebido pelo outro, ser verbalizado ou comunicado. Estar apto significa estar pronto para viver sensações inesperadas e impossíveis de ser descritas de antemão. Enquanto a saúde se refere ao que pode ser vivido rotineiramente, a aptidão diz respeito ao inesperável, e por isso enquanto a saúde aceita um meio-termo, a aptidão está sempre do lado do “mais,” do excesso.

Podemos perceber, então, que os sujeitos atuais vivem numa busca de aptidão e não de saúde, numa busca pelo excesso, pelo que está além do necessário. Nos tempos atuais, o limite não se impõe mais para os sujeitos, baseado nas regras sociais, vindo de fora, mas é determinado pelo próprio sujeito. É cada um em sua experiência subjetiva que define a medida, de maneira desarticulada do contexto social. Nesse contexto, a saúde se coloca a serviço da aptidão.

2.2 CORPO E LIBIDO

Após a apresentação dos modos de uso e sentidos carregados pelo corpo nas diferentes épocas e principalmente na atualidade, partiremos agora para uma compreensão de corpo a partir da teoria psicanalítica. Estas considerações serão de grande importância para abalizar este estudo.

Durante algum tempo, o fato da psicanálise fazer da linguagem um substrato importante levou alguns de seus críticos a insistir na ideia de que ela não considera as questões corporais. Entretanto, foi compreendendo o que o corpo da histérica expressava, que Freud pôde inaugurar uma nova teoria da histeria.

O corpo da histérica, ao manifestar uma série de sintomas inexplicáveis para a Medicina, indicara que a sintomatologia corporal pode ser provocada por um adoecimento psíquico, que neste caso seria mantido pela força do recalçamento. Com isso, Freud indica que o corpo não pode ser confundido com um organismo biológico, mas como um importante integrante na trama das relações entre o psíquico e o somático.

Para Freud, o corpo é todo libidinal, é produtor e produto da libido, esta que se organiza em forma de pulsão, como tratado no capítulo anterior. Esta pulsão se apresenta inicialmente de maneira caótica, desorganizada, impossibilitando a ideia de uma unidade corporal, ou de uma indiferenciação com o outro. Para Freud, o alvo da pulsão é a satisfação, por mais que esta vá de encontro ao princípio do prazer. Em *Mais além do princípio do prazer*, Freud faz referência à Pulsão de Morte, (tânatos), forças relacionadas ao desligamento da vida, e à Pulsão de Vida (Eros). Estas forças não existem em estado puro, por estarem sempre interligadas.

Tais pulsões são reguladas pela relação estabelecida entre o sujeito e o próprio corpo, a qual é determinada inicialmente pelo autoerotismo, que configura um momento arcaico da libido e que será posteriormente passado ao narcisismo, inicialmente designado pelo investimento libidinal que o sujeito faz em si (narcisismo primário), e posteriormente o investimento que ele faz nos objetos externos (narcisismo secundário). Fernandes relembra que para Freud, quem confere a identidade ao corpo é o narcisismo, é ele quem possibilita ao corpo colocar-se como corpo próprio (FERNANDES, 2003).

Na visão lacaniana, o sujeito se constitui psiquicamente através do desejo do Outro. Por isso, desde a concepção, o sujeito ocupa um lugar que já está marcado. Inicialmente, ele complementar a mãe em seu desejo narcísico. Dessa forma, a criança vive uma dependência total. Capturada pelo olhar materno, ela se estabelece numa posição de alienação. Como visto no capítulo anterior, somente a mãe pode possibilitar que o corpo do bebê esteja fora do seu, e isso só poderá acontecer quando ela assumir uma posição de alteridade, distinguindo-se do filho.

Contudo, é a inscrição da figura paterna na mãe a possibilidade de garantir que ela represente seu filho como um outro ser.

Cukiert e Prizskulnik comentando Lacan, afirmam que é através do outro que a criança aprende a se reconhecer. Isto implica pensar que seu desejo, tal como seu corpo, não é inicialmente vivido como seu, mas projetado e alienado no outro. A criança inicialmente é o desejo da mãe. Assim, o grande impasse da relação dual imaginária é que não há o reconhecimento de dois desejos, dois sujeitos, mas de um desejo alienado no desejo do outro (CUKIERT; PRISZKULNIK, 2002).

Ainda segundo as autoras, a saída dessa alienação é a entrada do Simbólico, condição para advir um sujeito de desejo. De fato, o Imaginário como registro da identificação especular interpela e surpreende o sujeito a todo o momento, evocando uma articulação com o registro Simbólico.

Para se constituir enquanto corpo-sujeito, portanto, é preciso que a criança seja objeto do olhar e tenha um lugar no campo do Outro, cujo reconhecimento, na medida em que a nomeia, permite sua entrada no registro Simbólico. Neste sentido, é através do outro que a criança aprende a se reconhecer.

Assim, a inscrição simbólica no corpo do bebê possibilitará a diferenciação das zonas erógenas. Quando essa função terceira está frágil, porém, o corpo é utilizado como se não tivesse dono. É como se a linguagem inscrita simbolicamente no corpo estivesse esvanecida, fazendo com que o sujeito não conte com uma lei que defina limites para o seu prazer.

Não se pode deixar de lembrar que para Lacan (1975/1986), o discurso psicanalítico da verdade não se dá só pela palavra, mas também pelo corpo. Corpo esse que como simbólico é marcado pelo significante.

Para Lacan, “O Eu é o lugar do desconhecimento [...]. Sentir, viver o meu corpo e vê-lo em movimento me dá a certeza de ser eu mesmo – certeza que esconde a ignorância do que se é” (NASIO, 2008, p.55). As imagens que forjamos do nosso corpo, substratos de nossa identidade, são imagens subjetivas, deformadas, que falseiam a percepção de nós mesmos.

Sabe-se o quanto as questões referentes à inscrição do simbólico nos sujeitos atuais têm sido amplamente discutidas por várias ciências, dentre elas, a psicanálise. É cada vez mais evidente a constatação de que a organização social atual vem impossibilitando uma instauração adequada desse simbólico. Com a mutação do laço social, se esvanecem os referenciais identificatórios e os sujeitos se constituem à mercê do sistema de representações, e por esse motivo utilizam o corpo como via para a instituição das marcas identificatórias, que estão sendo inseridas no concreto, no real do corpo e não pela via do simbólico. Desta maneira, o corpo aparece na atualidade como apresentação e não como representação.

Ana Costa nos aponta a manipulação corporal dos tempos atuais (tatuagens, *piercings*, escarificações), como forma de produzir bordas. Borda enquanto fronteira corporal, enquanto relação com o ambiente, com o outro, com a realidade. De certa forma, ao longo da história, o homem parece necessitar reconstituir, recortar, manipular as bordas corporais. “Este recorte tem a ver com a erotização e sua necessidade de suporte no Outro” (COSTA, 2005, p.16).

O que chama a atenção nesse contexto de marcações corporais é a dupla inscrição de fazer orifício e de incluir corpos externos na pele. Estas condições, segundo Ana Costa produzirão um suporte, uma reconstituição da imagem corporal. A tatuagem confere ao corpo uma erotização que se instaura “como algo inapreensível, como o traço primeiro que funda a desnaturação do sujeito” (Idem. p.19). Desse modo, a tatuagem singulariza e fornece ao sujeito o traço que vai capturar o olhar do outro, olhar que pode lhe conferir uma identidade.

Tais inscrições corporais podem se colocar como meio de atualização das impressões arcaicas das marcações corporais, impressões estas que dizem respeito tanto ao que se refere a um registro corporal de um símbolo, quanto à experiência de prazer e desprazer, colocada por Freud como de grande importância para a assimilação de uma representação.

Lacan refere uma ligação entre o pulsional e a tatuagem. Ele coloca a observação de como o corpo humano é marcado de traços que carecem de uma leitura, de um endereço. Com a sinalização na pele, marca-se também a relação do olhar e da solicitação de uma decifração. Deste modo, fica claro que, com a

tatuagem, se busca um olhar, um lugar no campo do outro que ofereça um deciframento e assim determine um destino (LACAN, 1966).

Em 1964, Lacan vai apontar para a relação da tatuagem com a função erótica, esta que nas palavras de Ana Costa “constitui-se de uma forma muito complexa: desde uma espécie de encarnação do órgão até o sítio do sujeito, nesse ser para o outro, marcando o seu lugar entre os semelhantes” (COSTA, 2005, p.20). Neste sentido, chegamos perto do conceito de traço unário, este que, segundo Lacan (1964), se marca como tatuagem é o primeiro dos significantes e institui a possibilidade de distinguir os sujeitos dos demais, singularizando-o. Mais um relato nos informará sobre isso:

Vejo a tatuagem como uma forma de ser identificado. Fala na pessoa, e os outros já dizem: ah, é o que tem tal tatoo. Além do status que ela oferece, é muito cara. Essa do meu braço mesmo custa em torno de R\$2000,00 (A.R.F., 25 anos).

Desta maneira, a pele e a forma do corpo definem a maneira que se vai existir para o Outro. Na atualidade, com a mudança na organização do laço social e familiar, observamos o impulso do individualismo que colocou a aparência física como determinante para o modo de existir dos sujeitos. A imagem corporal dos sujeitos modernos foge àquela definida pelo estádio do espelho. Com a mudança dos papéis e dos referenciais familiares e sociais, surge como suplência à imagem especular, a “imagem corporal virtual” (VERAS, 2006, p.164), esta que permite uma reelaboração do corpo pautada na lógica da ciência, da edição, diferentemente de todas as culturas, em que os corpos e suas imperfeições podem ser maquiados, disfarçados, fantasiados. Hoje, há a proposta de uma remodelação, em que o desejo idealizado do corpo perfeito torna-se possível e desta forma o corpo tem se estabelecido como um objeto de consumo privilegiado pelos sujeitos.

É observável, entretanto, que as queixas predominantes dos indivíduos em relação aos seus corpos, envolvem falhas imaginadas ou leves, porém sua

remodelagem se faz urgente e incapaz de tamponar a angústia constituinte, o que avorece muitas vezes um comportamento adicto por tais manipulações corporais, “uma vez que ao esculpir o próprio corpo, o sujeito toma para si a possibilidade de incluir no corpo a castração que ele não pode mais esperar do outro” (VERAS, 2006, p.168). O autor pontua ainda que ao tratar a si mesmo como outro, o sujeito escreve sobre este corpo as palavras que o libertarão da angústia. O Outro do sujeito, portanto, Outro que ocupa o lugar de referência, de representação, quem encarna é o próprio corpo.

É sabido que as intervenções corporais trazem efeitos imediatos, e não é à toa que se colocam de modo tão operante na atualidade. Ao fazer semblante ao vazio, permite que o sujeito se entretenha, por um tempo, sem que o desejo faça questão, como acontece nas toxicomanias e, dessa forma, os sujeitos não se dão conta de que, ao invés de consumidores, são na verdade consumidos.

A individualidade, tão predominante na cultura atual, se estende à manipulação corporal: “fazer do próprio corpo um objeto privilegiado de consumo tem sido uma alternativa cada vez mais presente na vida solitária dos habitantes das grandes cidades” (VERAS, 2006, p.164). Estes sujeitos solitários parecem encontrar no corpo um meio de veicular uma mensagem, de viabilizar uma comunicação, de atrair o olhar do outro para si, pois parece que não há uma alternativa para a efetivação de uma comunicação pela via da palavra. Para Barros:

quando apontamos para uma memória fixada na pele, através da tatuagem, significa que ali se produziu uma linguagem, Trata-se de uma maneira de se transmitir uma experiência, de, sobretudo, transmitir um saber que foi veiculado e vivido no corpo (BARROS, 2006, p.45).

Este saber se veicula e se comunica através do corpo como suplência à palavra. A experiência aparece impressa no corpo quando não pode ser significada. É o que mostra este próximo relato:

Quando eu estava perto de me separar do meu marido, o que era tatuador(...), fiz uma rosa que toma todas costas, sofri três meses para fazer essa tatuagem, cheguei a desmaiar várias vezes de dor. Usava muita droga durante o processo, mais LSD, porque cocaína e crack excitam muito, aí eu não conseguiria ficar quieta (...). A tatuagem serviu para aliviar a dor da perda do meu marido. Passei três meses cuidando da dor física, aí a emocional adormecia um pouco, junto com a droga, era a combinação perfeita. Faltando uma semana para acabar o casamento, tentei suicídio por enforcamento, o meu marido me salvou e aí imediatamente tomei todos os remédios psicotrópicos que tinha em casa e fui novamente salva. Antes do enforcamento, escrevi no braço com uma faca a palavra BELISCAR várias vezes, pois minha mãe sempre dizia que as minhas tentativas de suicídio não eram para se matar de verdade e que as vezes que eu cortei os pulsos só fazia me beliscar (M.T., 42 anos).

Em todas as marcas estava sob efeito de drogas, nasceram junto com o uso, e a associação das duas práticas é com o intuito de minimizar a dor. Sempre me tatuei por raiva, protesto, pra diminuir a angústia (M.T., 42 anos.).

Essas referências colocadas pelos entrevistados asseveram a ideia de que ao se tatuar imprime-se uma fala, esta que não se faz sentir apenas pela via da palavra, é necessária uma sensação, um ritual, uma vivência real, pois o que não pode ser simbolizado, ganha sentido quando vivido através do corpo. Ao marcar a pele, marca-se também uma história, uma identidade.

2.3 CORPO E IDENTIDADE

Para realizar uma discussão em torno das identificações na contemporaneidade, primeiramente convém distinguir a diferença existente entre o conceito de identificação e identidade: pensamos identificação como relativo a um outro, a um grupo ao qual o sujeito se identifica, e identidade como um traço individual, constituída muitas vezes através do processo de identificação.

Neste momento, recorreremos aos estudos de Elizabete Siqueira ³ que sugere uma reflexão em torno da organização familiar através da qual podemos entender as formas e organizações das identidades. Como foi observado no primeiro capítulo, o sujeito já existe antes mesmo de ser concebido, ao ser pensado, desejado pelo casal parental, e por isso já ocupa um lugar no universo familiar. É na relação inicial com o objeto materno que o bebê passa a ser significado, a ter o seu corpo erogeneizado, imprimindo-se as primeiras marcas identificatórias, neste momento, ainda totalmente submetido ao desejo materno. Com a passagem pelo estágio do espelho, inaugura-se o primeiro momento da percepção da própria imagem como um ser unificado, separado da mãe. É nesta etapa que se inicia a inserção do objeto paterno, que tornará triangular essa relação dual e fornecerá para o indivíduo os primeiros registros simbólicos. Tal interdição é concretizada com o advento do Complexo de Édipo em que o sujeito, submetido à castração e ao recalque, é de fato inserido na ordem simbólica.

Como também explicitamos no capítulo anterior, a passagem inadequada pelo estágio do espelho é causadora de problemáticas diversas, que têm sido bastante presentes na atualidade, nos fazendo pensar o quanto essa mudança que ocorre no laço social e familiar tem sido relevante para as formações identificatórias.

Rudinesco relembra que a família humana se constitui numa hierarquia, determinando, por exemplo, a influência do adulto sobre a criança. A família está organizada por leis de transmissão, por conceitos de parentesco, por leis de herança, de casamento, ou seja, a família é uma instituição e desempenha um papel fundamental para a inserção do indivíduo na cultura. É a família que orienta os processos importantes do desenvolvimento psíquico, transmitindo estruturas de comportamento e representação, e estabelecendo a continuidade psíquica entre as gerações (RUDINESCO, 2003).

A autora ainda sugere que a sociedade ocidental há mais ou menos cinquenta anos vem passando por uma revolução em seus valores e costumes, que, entre outras coisas, rejeita a família e a compara a um veículo de opressão patriarcal que

³ Membro do Laboratório de Psicopatologia Fundamental e Psicanálise da Universidade Católica de Pernambuco, que vem desenvolvendo estudos referentes às questões das identificações.

teria por principal função interditar o direito de desenvolver todas as fantasias de acordo com o próprio desejo. Esta ideia, segundo Rudinesco, é resultante da decadência dos valores tradicionais da família, da escola, da sociedade e, sobretudo, do pai, deste enquanto lei, enquanto autoridade. Sem ordem, sem lei simbólica, a família atual estaria mutilada, entregue à ideologia do “proibido proibir,” atacando a partir do seu interior, e ficando incapacitada de transmitir valores.

Siqueira nos atenta para o quanto esse entendimento da constituição familiar atual contribui para que possamos compreender o que quer dizer Miller, em seu seminário *El Otro que no existe y sus comités de ética* ao apresentar a tese de que o Outro singular, o Outro de referência, dos ideais, já não existe mais (Cf. MILLER, 2005). Para ele, vivemos num tempo em que o homem está sem direção, sem destino, o que pode ser visto como consequência da inexistência desse Outro consistente.

A autora nos coloca ainda, que nessa época em que não há uma orientação verticalizada do Nome-do-Pai, o que se torna predominante no laço social e nas reações é o desamparo capitalista. Atualmente, a maior identificação que se propõe é a do consumidor e a sua obrigação em satisfazer essa falsa necessidade do consumo, objetivo que visa negar a castração e sua proposta de gozo parcimonioso. Hoje, a sociedade não se organiza em torno dos ideais comunitários; logo a identificação a um líder está em decadência e o direito de escolha dirige-se para um modelo de identificação fragil que não tem capacidade de dogmar a angústia, “portanto o rebote da inconsistência do outro é o imperativo superegoico de gozo, que invade sem limites, por todos os lados, gerando exigências de fruções patológicas” (SIQUEIRA, 2009, p.105). Dentre estas patologias, podemos pensar na toxicomania e as formas de expor o corpo ao seu limite, através das marcações e alterações corporais utilizadas por determinados grupos.

Na atualidade, os indivíduos se expressam pelas suas posses, o que atualiza o formato de narcisismo. A identificação aos objetos disponíveis no mercado, porém, não produz sujeitos singulares, mas sim consumidores submissos e tomados pelo gozo. O lema da contemporaneidade é superar padrões, transgredir normas, o que caracteriza um esforço enorme em detrimento de uma satisfação momentânea.

Siqueira nos afirma que a identidade perdeu a solidez, e sua fragilidade é geradora e muita angústia, pois não há outro que assegure ao ser uma representação estável, e por isso “os sujeitos passam a se representar nos objetos de gozo” (Idem, 2009, p.106).

Nos tempos atuais, vivemos um momento de debilidade das identificações, uma vez que não se valoriza o significante Nome-do-Pai como referencial, como o significante que regula o gozo e faz a mediação entre o público e o privado. “O que se tem são significantes mestres pluralizados resultados do declínio do ideal do eu como um campo de força onde emergem traços que mobilizam o processo identificatório” (Ibidem. 2009, p.106). Como consequência, assistimos às formações de diversas patologias que vêm denunciar os estragos ocorridos numa geração em que prevalece a desorientação em relação ao Outro.

2. 4 CORPO E TOXICOMANIA

Chegamos, então, ao cerne de nosso trabalho, ou seja, à temática dos toxicômanos que associam à prática de marcar o corpo o uso abusivo de substâncias tóxicas. Parece-nos que há nesses sujeitos uma necessidade de adquirir consistências identitárias que são estabelecidas pela experiência de gozo que envolve o corpo interna e externamente. Fazendo o uso de drogas, eles vivem o êxtase da sensação interna e pelas marcas corporais, pensamos que eles as potencializam como uma sensorialidade periférica. Os depoimentos colhidos na pesquisa de campo corroboram com tal posição, pois, trazem indícios que apontam para a possibilidade de incorporar uma identidade através do uso de drogas e das marcas corporais.

Como nos adverte Barros, “problematizar as questões do corpo em psicanálise é confrontar com a (in)suficiência da representação, do pulsional” (p.46).

Neste sentido, não poderemos deixar de abrir espaço no presente estudo para um entendimento do conceito lacaniano de Gozo como aquilo que transcende a ordem do pulsional, que escapa à significação, e fica de fora do campo da organização psíquica (BARROS, 2006).

Desde 1895, no seu texto *Projeto para uma psicologia científica*, Freud já mencionava a possibilidade de haver algo impossível de ser assimilável na organização psíquica – a coisa (*Das Ding*) aquilo que está fora do campo das representações, e (*Die Sache*), as coisas que são representadas pela palavra. Em 1915, em seu texto *O inconsciente*, o autor faz uma diferenciação entre a representação de palavra (*Wortvorstellung*) e a representação de coisa (*Sachvorstellung*), que estão juntas no inconsciente. De acordo com Medeiros “a representação de palavra (*Wortvorstellung*) inclui uma representação complexa de elementos visuais, acústicos e cinestésicos” (MEDEIROS, 2008, p.71). Desta maneira, qualquer operação da linguagem resulta numa intervenção simultânea de funções relativas a mais de um ponto do campo da linguagem. O termo representação de objeto (*Sachvorstellung*) é também uma representação complexa, porém, seu tipo não se refere a um objeto, sua significação se dá pela articulação entre a representação-de-palavra e a representação-de-objeto, articulação esta que tem efeito de sentido. Desta forma, Freud (1891/1987) afirma que é a palavra que constitui o objeto como objeto, e é o objeto que fornece à palavra o seu significado.

Valas, referindo-se à posição de Lacan em relação à coisa e ao gozo, explica que o gozo, ao mesmo tempo em que está ao lado da coisa, situa-se também próximo ao desejo, este que se articula com a lei:

Essa lei primordial da interdição do incesto é consubstancial às leis da linguagem. Mas se o desejo, submetido à lei, pode constituir uma defesa do sujeito na sua relação com o gozo, ele está, ao mesmo tempo no princípio de uma transgressão da lei que abrirá ao sujeito, o acesso ao gozo (VALAS, 2001, p.29).

Neste sentido, a palavra entra para atender demandas que não foram satisfeitas diante da proibição do incesto. Desta forma, é através da fala, acessando os significantes, dando suporte à lei, que o sujeito limita o gozo.

Pensar no conceito de gozo na teoria lacaniana é também pensar em corpo e em dor. O mesmo autor nos acrescenta que “A partir do momento que a vida se encarna em um corpo, diz-se que ele goza da vida” (VALAS, 2001, p.43). O gozo do corpo pode se manifestar de maneiras e intensidades diversas, apresentando-se “desde as formas mais sutis até a repulsa da saciedade” (Idem. p.43).

Podemos pensar que é a pulsação de gozo no corpo que o torna real e vivo. Quando Lacan remete a um atravessamento do sujeito pelo significante, ele está propondo um distanciamento do corpo e do gozo. A palavra possibilita a inserção do corpo no campo do discurso. “Para a psicanálise, a tomada do corpo pela linguagem não significa que o verbo se faz carne, mas ao contrário que a carne se faz corpo” (VALAS, 2001, p.44). À medida que é falado, o corpo muda de estatuto, agora para um corpo de discurso. Valas acrescenta que diante dessa forma de representação corporal, só resta ao sujeito um gozo acessível: o gozo de borda. Este gozo se dá na medida em que o sujeito se insere no registro simbólico. Esta entrada permite que o gozo absoluto seja suspenso pela ação do significante; este significante que fragmenta o corpo levando o gozo a se distribuir pelas “ilhas que as zonas erógenas representam” (VALAS, 2001, p.44). Esta parte do gozo, que de acordo com a teoria freudiana representa as pulsões parciais, é apenas um resto do gozo corporal, que deixará o sujeito sempre submetido a uma insatisfação fundamental, que o levará sempre a procurar o encontro com o gozo do Outro “idealizado porque perdido desde sempre e para sempre” (Idem. p.44).

Na nossa investigação sobre o modo com que os sujeitos toxicômanos atuais se relacionam com o próprio corpo, observamos constantemente as questões

relacionadas à dor e ao gozo-dor vivenciados pelos drogaditos como possibilidade de formular uma identidade e se fazer singular no mundo.

Nos estudos realizados com sujeitos que associam o uso de substâncias químicas às marcações corporais, é observável o modo com que tais práticas entram em cena, para que o sujeito usufrua da sensação da dor, esta que está socialmente ligada a uma sensação desagradável, porém para este grupo associa-se ao desfrutável, estando próximo ao gozo, como podemos perceber no seguinte relato:

Eu gosto de sentir a dor, viver o momento, se eu quero a marca, tenho que arcar com as consequências que ela me traz. É uma verdadeira sessão de tortura (SIC). São doze agulhas lhe furando simultaneamente na hora de chapar (pintar) a tataroo; é uma dor incontrolável, só o barulho da máquina já causa angústia. Tem que gostar e querer muito para aguentar, até porque depois do primeiro risco, a sentença foi dada, não pode mais voltar atrás (A., 25 anos).

Gosto da sensação de me tatuar, gosto de sentir a dor para riscar a tatuagem, parece que tá rasgando a pele, de sentir a tinta entrando no corpo, de sentir a pintura, que é uma dor diferente. Para mim, uso drogas neste momento, por ser o ritual, mas não para aliviar a dor, a dor tem que ser sentida, senão perde a graça (SIC) (M.A.A, 35 anos).

Essas referências trazidas pelos entrevistados nos fazem questionar sobre o estatuto da dor nos tempos atuais. Queiroz nos relembra sobre as distinções de masoquismo feitas por Freud, como estando delimitadas por dois campos de ação da pulsão de morte: “no primeiro, a pulsão de morte encontra-se a serviço da pulsão de vida, e no segundo, a ação da pulsão de morte se dá sem mediação do outro” (QUEIROZ, 2009, p.8). Enquanto o primeiro está regido pelo princípio do prazer, o segundo se dá pelo imperativo de um superego arcaico. Queiroz aponta para essa distinção como sendo a responsável por influenciar Lacan a utilizar outro significante que indique a “experiência que está para além do princípio do prazer e desprazer e que se distingue da dor – o gozo. Queiroz retoma Lacan nos certificando de que o

gozo está para além da dor, isto porque “há uma cisão entre aquele que goza e o outro” (Idem. p. 8).

Se dor e gozo, do ponto de vista quantitativo, dizem respeito à ultrapassagem do limite de suportabilidade e excitação, do ponto de vista qualitativo, a dor indica a qualidade do desprazer quando este limite é ultrapassado e se endereça a outrem (QUEIROZ, 2009, p.9).

Esse ponto do conceito de dor que se dirige ao Outro é o marco fundamental de distinção do conceito de gozo, em que não há limite entre o eu e o Outro, “isso ou porque ocorreu uma colagem, ou porque o Outro foi excluído” (QUEIROZ, 2009, p.10).

“O gozo como não regido pelo princípio do prazer está nas experiências mais arcaicas, representa a experiência receptiva do chuchar do seio materno na experiência de sucção da criança” (QUEIROZ, 2009, p.10). Como foi trabalhado no capítulo anterior, Olivenstein refere ao toxicômano uma passagem mal sucedida pela fase do espelho (a passagem pela fase do espelho quebrado). Esta que levaria o sujeito a retomar o lugar anterior de alienação, de colagem ao Outro. Para o autor, foi no momento exato da formação de um ego diferente de um ego mãe, no momento da descoberta da imagem unificada de si que o espelho se partiu. Esta quebra se deu pela impossibilidade da entrada do pai na relação como representante da lei, da lei que sustenta o sujeito.

Por não ser atravessado adequadamente pela lei, pelo simbólico, não há também um distanciamento adequado do corpo e do gozo nesses sujeitos, e sim uma colagem. Deste modo, nos drogaditos o gozo não faz borda, ele transborda. Fernandes nos convida a pensar num *corpo do transbordamento*. A autora levanta a questão de que o corpo biológico nem sempre está associado a um sistema significante. Por isso, pode-se pensar o sintoma corporal como uma descarga,

“como um excesso que atravessando o aparelho psíquico, não se organiza necessariamente a partir da lógica da representação” (FERNANDES, 2003, p.111).

Por ter tido um corte inadequado na relação de alienação ao objeto primordial, o sujeito toxicômano estabelece uma relação fusional também com a droga. Relação esta que não está diretamente ligada à substância, “mas a um excesso de fluxo materno que situa o corpo sob uma influência alienante” (CHAVES, 2010, p. 4). O mesmo autor assevera que o surgimento da droga é secundário, intervindo nesse corpo para tentar organizar o circuito auto-erótico que retire o corpo de uma dependência primeira, muito mais radical.

Marta Conte assevera que a enigmática exposição do corpo nos novos tempos se expressa através das observáveis agressões provocadas pelos toxicômanos sob o álibi da droga. Alguns perdem membros pelo uso inadequado da substância injetável, ou ainda se automutilam por se encontrarem em estado de alucinação, sem contar com a grande incidência de tatuagens, *piercings*, marcações a ferro. Todas essas ações se dão na tentativa de produzir marcas no próprio corpo.

Conte, fazendo referência a Calligaris, nos lembra que as marcações provocadas no corpo eram práticas de tribos primitivas, inscrições simbólicas que asseguravam ao indivíduo o estatuto de membro de uma determinada comunidade; ou seja, desde já as marcas corporais focalizavam uma prova de identidade.

Ainda segundo Calligaris, no mundo ocidental moderno, o lugar da família, sexo ou raça ao qual pertencemos não implica mais um destino, pois o sujeito atual não ocupa mais lugar em uma comunidade. Faltam qualidades inatas. Os bens materiais são hoje tudo o que restou para a designação de uma identidade.

Sobre esse tema, Conte cita Calligaris e nos traz uma importante contribuição:

Somos livres do serviço da tradição, gado sem dono, lamentamos nossas marcas perdidas. Procuramos destinos quando nos identificamos com imagens de atletas, modelos, celebridades, etiquetas, ou mesmo quando inscrevemos marcas em nossos corpos. Mas se as marcas funcionassem, não precisariam ser repetidas. O fato é que nunca será marcado o suficiente. Mesmo as

marcas reais – não mais ridículas personificações imaginárias que devemos às etiquetas – nunca substituíram os laços simbólicos que tão incisivamente tentam imitar. Por mais que marquem nosso corpo, seremos sempre ainda para ser marcados (CONTE apud CALLIGARIS, 1998).

Assim, pelo enfraquecimento de referências simbólicas, a toxicomania e as marcas corporais apresentam-se como uma forma de marcação no corpo, produzindo uma nova zona erógena, e promovendo uma identidade. A manipulação do corpo permite ao sujeito representar-se, o que segundo Ana Costa significa diferenciar-se. É na busca dessa condição de individualidade e de produção de identidade que o sujeito busca a associação do uso da droga com a marcação na pele. Estas duas ações possibilitam ao mesmo tempo, tanto a busca da repetição do prazer inicial, que não pode ser simbolizado, através da toxicomania, quanto a marcação corporal, que possibilita a impressão de uma linguagem no corpo, linguagem esta que diferencia o sujeito dos demais (COSTA, 2005).

Assim, observamos que é cada vez maior o número de jovens usando drogas e marcando o corpo, numa sociedade em que a lei existe, mas não cumpre sua função. Dizendo de outra forma, os indivíduos buscam as mais diversas formas de lidar com a insuportável falta, e por isso buscam variadas formas e semblantes para colocar um objeto do mundo no lugar da inexistência de objetos.

CAPÍTULO 3

MARCAS CORPORAIS NA TOXICOMANIA

Como já tivemos oportunidade de indicar, esta pesquisa teve como objetivo estudar as marcas corporais em sujeitos toxicômanos. Tal interesse foi despertado pela experiência profissional junto a dependentes químicos, tanto no âmbito da assistência pública, quanto da privada. Chamava nossa atenção o fato de sujeitos oriundos de padrões socioculturais e estilos de vida tão buscarem as mesmas drogas e se tornarem dependentes delas mesmo sabendo dos sintomas devastadores. É notória também a constante presença de marcas corporais nesses sujeitos, marcas que se diferenciam pelo acabamento, uma vez que os de classe social mais elevada procuram profissionais e ateliês de tatuagens mais requintados, ao passo que os de classe social menos favorecida fazem-no de forma mais artesanal. Entretanto, os sentidos e as sensações descritas são similares.

A escuta de toxicômanos com corpos marcados tem revelado aspectos significativos no que se refere à relação desses sujeitos com o outro, em que o corpo tem ocupado um espaço de representação e endereçamento. Pretendíamos observar se o consumo de drogas, associado às marcas na pele, conferia a esses sujeitos uma dupla sensação de gozo: interna, através do uso de drogas; e externa, através da tatuagem.

Esta pesquisa foi realizada no Instituto do Recife de Atenção Integral às Dependências (Raid), onde a pesquisadora trabalha compondo a equipe que assiste aos usuários, trata-se uma instituição que possui um modelo de albergue terapêutico que trabalha no tratamento da dependência química de forma a possibilitar a abstinência e a reconstituição de laços sociais afetivos e familiares. A metodologia utilizada a foi semi-participante. O método foi herdado da Antropologia e, apresenta duas modalidades: primeiro, a pesquisa participante, na qual o pesquisador tenta compreender as vivências e experiências culturais da população investigada, participando e acompanhando ativamente aos acontecimentos e vivências diárias dessa população, uma vez que passa a viver na comunidade; e segundo, a pesquisa semi-participante que é uma variação da primeira, pois o pesquisador participa ativamente, porém de modo indireto, não vivenciando

integralmente a realidade a ser estudada, mas acompanhando tal população e atuando no contexto.

Na investigação em questão a pesquisadora é membro integrante da equipe que assiste aos toxicômanos. Assim tanto o trabalho de seleção dos sujeitos da pesquisa como o material coletado foram realizados através de observações feitas no dia-a-dia da instituição e registradas num diário de campo. Também foram registradas em tal diário os depoimentos dos sujeitos relativos às marcações corporais e suas motivações esses depoimentos e observações complementaram as entrevistas.

Foram escolhidos três sujeitos, de ambos os sexos, que estavam internados na instituição na modalidade de tratamento integral, ou seja, eles passavam os dias e as noites lá enquanto durasse o tratamento. A escolha dos sujeitos se deu primeiro, por possuírem marcas corporais e, segundo, por apresentarem marcas bastante extensas e/ou numerosas. Todos os sujeitos faziam uso de múltiplas drogas, sendo o crack a que motivara o internamento.

Em todos os casos, os sujeitos já haviam passado por um processo de internamento anterior. A coleta foi realizada entre julho de 2010 e março de 2011, devido à grande rotatividade de hóspedes existentes na instituição. Foram ouvidos três sujeitos, por entendermos que os dados fornecidos por eles contemplariam os nossos questionamentos.

Os três foram convidados a participar da pesquisa e esclarecidos sobre a sua finalidade, tendo todos eles assinado o TCLE. As entrevistas foram realizadas com cada um individualmente, e tiveram como foco o entendimento das significações, escolha e localização das marcas, assim como a sua relação com o uso de drogas. Foram utilizados, também, relatos colhidos no dia-a-dia da instituição, como dito anteriormente.

Apresentaremos a seguir a narração das entrevistas, abordando primeiramente, de forma reduzida, a história de vida e dos sintomas dos sujeitos. Em seguida, descreveremos as entrevistas, observando os pontos fundamentais. Por fim, destacaremos nos três casos os pontos semelhantes das marcas corporais na

toxicomania. Indicaremos cada sujeito escutado como sujeito 1, sujeito 2 e sujeito 3, como forma de garantir o anonimato.

3.1 SUJEITO 1

3.1.1 História de Vida

É nascida de um casal que reside em uma cidade do Estado de Pernambuco. A mãe, artista plástica, e o pai, um militar rígido no que se refere à correção de comportamento, impondo limites ao que podia e ao que não podia. Este pai fazia uso de álcool de maneira descontrolada, o que o deixava bastante agressivo, tanto com a esposa, quanto com os filhos. A mãe também faz uso de substâncias psicoativas, principalmente as medicamentosas. Tem apenas um irmão, com quem teve uma relação estável no decorrer da vida, porém ele também iniciou o uso de drogas de forma precoce e hoje se vale do tráfico como forma de sustentar o vício.

Alguns anos depois, teve contato com o crack, e passou a estabelecer uma relação de dependência muito forte. Paralelamente, se envolveu com vários traficantes e usuários de drogas; relacionamentos, segundo ela, muito complicados, levando-a a se expor a riscos e à violência. Chegou a traficar para conseguir manter o vício, o que tem provocado um distanciamento emocional muito grande entre ela, a mãe e a filha. Ambas condenam tal comportamento. A morte do pai foi um fator que a mobilizou muito e contribuiu para as diversas tentativas de suicídio. A necessidade de resgatar a relação afetiva e de confiança com a mãe e com a filha é o que a leva a continuar o tratamento.

3.1.2 História do Sintoma

Relata que o uso da maconha foi iniciado quando tinha 13 anos; aos 20, passou para a cocaína e álcool. Com este último, percebeu que não conseguia se controlar. Aos 22 anos, no tempo em que morava na Europa, teve experiências com heroína, haxixe e cocaína injetável e relata ter sentido fortes alucinações. O uso do crack se deu mais adiante, após o retorno ao Brasil. Este tem sido avassalador e de difícil controle.

Há mais ou menos cinco anos, foi diagnosticada como portadora de fibromialgia, o que tem intensificado o uso de analgésicos fortes, muitas vezes sem orientação médica. A família não confiou em tal diagnóstico por ter sido feito por eliminação, sem um exame específico. Para a família, tratava-se de uma histeria e motivo para fazer uso de substâncias psicoativas.

A entrevistada alega que o uso de drogas está sempre associado ao encobrimento de uma dor emocional forte, assim como as marcas corporais. Fala que todos os seus relacionamentos foram associados a muitas drogas e também a muita dor. Sempre teve relacionamentos complicados e encara isso como parte do seu sintoma.

3.1.3 Resumo da Entrevista

Relata que apenas na segunda tatuagem, aos 23 anos, havia começado com drogas fortes, pois até os 20 só usava maconha. Aos 23 anos, casou-se com um francês, com quem começou o uso de cocaína. Ele também era usuário de heroína. Ambos haviam usado muita droga (cocaína) e sob seu efeito fez um fênix na virilha; não gosta desta tatuagem, mas é importante porque a faz lembrar desse companheiro que morreu de overdose, ao seu lado.

Aos 27 anos, fez uma aranha no pescoço, pois estava com um homem que amava muito; o desenho era dele e a intenção dele era escrever um H, a inicial do seu nome, com que costumava marcar as namoradas. Aos 33 anos, fez duas estrelas no braço: uma representa ela, e a outra, a filha. Aos 34, fez um perfil de uma santa, no mesmo braço das estrelas. Nesta época, namorava um traficante que foi assassinado. Através dessa marca, descobriu que fazia tatuagens para passar a raiva, pois a dor física decorrente do processo é tão grande que encobre a dor emocional.

Quando o pai morreu, tatuou no pulso, sobre a cicatriz de uma tentativa de suicídio, a palavra Pai, desenhada com a própria grafia. Esta tentativa de suicídio se deu num momento em que estava com muita raiva do pai. Quando estava perto de se separar do marido, o que era tatuador e que a marcou com um H, fez uma rosa que lhe tomava as costas toda. Diz ter sofrido três meses para fazer esta tatuagem, tendo chegado a desmaiar várias vezes de dor. Usava muita droga durante o processo, e preferia fazer uso do LSD, porque cocaína e crack a excitavam muito e não conseguiria ficar quieta. Essa tatuagem não foi o marido que fez, como as outras, e ela se envolveu com este tatuador. Novamente, a tatuagem serviu para aliviar a dor da perda do marido.

Na semana anterior ao término do casamento, tentou suicídio por enforcamento: o marido a salvou e aí imediatamente tomou todos os remédios psicotrópicos que tinha em casa e foi novamente salva. Antes do enforcamento, escreveu no braço, com uma faca, a palavra “beliscar” várias vezes, e associa tal ato ao fato de mãe sempre dizer que as suas tentativas de suicídio não eram para se matar de verdade cortava os pulsos para se beliscar.

Após a separação, fez no outro pulso uma tarja preta para cobrir o nome do ex-marido. A palavra impermanência, escrita no antebraço, é um preceito budista que significa Nada é para Sempre. Foi tatuada no momento em que o marido arrumou as coisas e saiu de casa.

Pretende fazer duas tatuagens quando sair do internamento, uma na costela, para doer bem, com muito *piercing*, pois este é um dos lugares mais sensíveis:

serão duas *pin up*. O lugar também foi escolhido por ser escondido e a mãe não vê, porque odeia as tatuagens. Não tatua as pernas porque a mãe ama as suas pernas.

O primeiro que fez foi quando quase ninguém tinha, por vaidade. O segundo, do nariz, foi por raiva do marido. Quando fez o da boca, estava com tanta raiva que nem sentiu a dor, assim como os da orelha, onde fez oito furos de uma só vez.

Todo fim de relacionamento raspa o cabelo. O primeiro marido dizia que a única coisa que ela tinha de bonito era o cabelo. Fez várias plásticas: seio, abdome, rosto, orelha e várias lipoaspirações, tudo por vaidade, pois o marido gostava de mulheres bonitas.

É observável neste sujeito que a tatuagem aparece como forma de se endereçar ao outro, de marcar uma história, etapas da vida. A tatuagem é vista como uma maneira de passar por sofrimentos aparentemente insuportáveis, como verdadeiros ritos de passagem, estes que permanecem marcados para sempre em seu corpo, no concreto, de maneira diferente dos ritos que são estabelecidos na vida das pessoas, através da cultura ou da religião, os quais se apresentam em consonância com o contexto social e marcam os momentos importantes da vida pela via do simbólico. Nesta entrevistada, o ato de marcar o corpo associado ao uso de drogas é o que lhe fornece a possibilidade de vivenciar e mostrar a dor da ruptura, da separação.

3.2 SUJEITO 2

3.2.1 História de Vida

É o filho mais velho de uma família constituída por pai, mãe e os irmãos. Seu pai foi casado antes de ter uma relação com a mãe. Desse casamento, nasceram dois filhos, com os quais o entrevistado tem boa relação. Por essas questões, ele se

refere à sua família como sendo estruturada. Um dos irmãos por parte de pai é usuário de crack.

Seu pai era militar, morreu quando o entrevistado estava com mais ou menos 21 anos. Tinha com ele uma boa relação, apesar de ele ser bastante rígido, pela sua formação militar que norteava também a educação dos filhos. A mãe como dona de casa cuidava dos filhos e do marido. Tem um comportamento mais flexível do que o do pai, conseguindo, com isso, uma aproximação maior dos filhos.

O sujeito 2 casou-se aos 22 anos, época em que passou num concurso público. Foi um momento de muita realização na sua vida. Tornou-se militar, como o seu pai. Dois anos mais tarde prestou novo concurso para ascender a um nível mais alto, mas foi reprovado no exame físico. Angustiou-se bastante e entrou num processo autodestrutivo, passando a fazer uso intenso de drogas. Atualmente, a esposa espera um filho, que, segundo ele, foi programado e desejado pelo casal, e, ao que parece, é sua motivação para conseguir se manter em abstinência.

3.2.2 História do Sintoma

Relata ter iniciado o uso de álcool e tabaco aos 16 anos; aos 18, passou a usar maconha, porém não era prejudicial para a sua vida, pois continuava cumprindo com suas obrigações e seus compromissos. Aos 23 anos, conheceu o crack junto com amigos que usavam maconha. Iniciou com o mesclado⁴. Percebeu que seu uso já afetava a sua vida, principalmente a relação familiar, e passou a descumprir com compromissos e horários combinados.

Há mais ou menos seis meses, o uso do crack foi intensificado, tendo passado a ser feito na lata,⁵ justamente quando foi reprovado no exame físico do segundo concurso público. Há quinze dias, saiu de casa após um desentendimento com a esposa e passou 48 horas numa boca de fumo, fazendo uso da droga

⁴ Mesclado: nome dado pelos usuários de substâncias psicoativas à mistura de maconha e crack num cigarro.

⁵ Uso na Lata: forma de utilização do crack fumada através de uma lata de bebida, em que a fumaça é aspirada pelo orifício da lata.

ininterruptamente. Este fato lhe levou a entender a importância de se inserir num tratamento.

3.2.3 Resumo da Entrevista

A primeira tatuagem, no ombro, foi feita aos 20 anos. É uma carpa, um peixe de origem oriental que, segundo a lenda, transmite sabedoria. Só os imperadores podiam comer este peixe, que possui o olho similar ao de um ser humano e um olhar fixo. A segunda foi aos 22 anos: ondas se chocando. Esta toma todo o braço esquerdo. Fez ela, quando passou no concurso público, e pretende aumentá-la quando conseguir passar num concurso mais importante.

Nas costelas, tem um tubarão branco, junto com ondas azuis. Este é o animal mais feroz e voraz do oceano. Foi a que mais doeu porque a costela é a parte mais sensível do corpo humano. Pretende, quando sair do Raid, tatuar a perna esquerda toda, também com motivos de mar. Todas elas têm esse motivo, porque o mar lhe transmite calma e serenidade. Colocou um alargador na orelha porque acha legal, diferente, choca as pessoas, e pretende aumentá-lo mais.

Em nenhuma das marcas se encontrava sob efeito de drogas, apesar de já estar envolvido com elas. Gosta de sentir a dor. Relata ser uma verdadeira sessão de tortura, pois são doze agulhas furando a pele simultaneamente na hora de chapar (pintar) a tatuagem. Diz ser uma dor incontrolável, só o barulho da máquina já causa angústia. Refere que gosta muito de se tatuar, por isso suporta a dor. E depois do primeiro risco, tem que concluí-la.

Alega o fato do pai ser rígido, razão pela qual ao fazer a primeira tatuagem, tempo em que seu pai ainda era vivo, evitou tirar a camisa na sua frente. Quando o pai faleceu, começou a mostrar e a fazer mais marcas. A mãe, embora não concorde, é mais maleável.

Refere-se à tatuagem como uma forma de ser identificado. E de adquirir *status*, até pelo custo de uma marca, ainda mais quando se trata de pinturas

grandes como as suas. Escolheu o lado esquerdo como o principal. Foi escolha sua, pois prefere deixar o outro sempre limpo.

Observa-se neste caso que as marcas funcionam como traços identificatórios e endereçadas ao outro. De um lado, identifica-se com o pai, escolhendo o mesmo caminho profissional; de outro, marca a diferença, tornando-se dependente e tatuado. A tatuagem também possui a finalidade de marcar momentos importantes da sua história e o processo de dor que a acompanha parece também ser vivenciado de forma a garantir sua estadia no mundo. A dor nesse sujeito aparece na forma de Gozo-Dor, como apontamos no capítulo anterior, parece ser da ordem do desfrutável.

3.3 SUJEITO 3

3.3.1 História de Vida

Vem de uma família evangélica, de pais extremamente religiosos e rígidos, com mais dois irmãos que, como os pais, seguiram essa doutrina durante a infância, pela impossibilidade de escolher outro modo de vida. Aos 13 anos, passou a vivenciar mais de perto a sua sexualidade e a se reconhecer como homossexual. Jamais pôde tratar desta questão com familiares, o que o levou a um grande sofrimento.

Perdeu a mãe aos 18 anos, desestruturando ainda mais a sua vida; por isso, abandonou a faculdade e a vida deixou de ter sentido. Quando completou 19 anos, o pai também saiu de casa e deixou os três filhos morando no espaço que antes era da família completa. Aos poucos, os irmãos foram saindo de casa e ele ficou se sentindo muito só, passando a beber e jogar compulsivamente, o que o levou a uma forte crise financeira.

Neste momento, foi para os Estados Unidos para trabalhar. O aprendizado da língua lhe possibilitou uma profissão na volta ao Brasil, três anos depois, aos 27 anos de idade. Aos 30, já muito envolvido no uso de drogas, passou a apresentar problemas clínicos significativos, como alteração de exames hepáticos e uma tuberculose grave, culminando com a descoberta da contaminação por HIV, o que o inseriu num processo de maior autodestrutividade e descrença da vida.

3.3.2 História do Sintoma

O uso do álcool foi iniciado aos 13 anos, após se reconhecer como homossexual. Bebia sempre com pessoas bem mais velhas, num bar perto de casa e escondido dos pais, e o fazia semanalmente. Hoje, avaliando seu comportamento naquela época, percebe que já tinha problemas com a bebida. Com o falecimento da mãe e o sentimento de solidão que sentiu ao ficar só, além de continuar a beber muito, passou também a jogar compulsivamente, o que o inseriu numa difícil crise financeira.

A experiência nos Estados Unidos, apesar de muito importante para sua vida profissional, o fez iniciar o uso de cocaína e ketamina. Aos 27 anos, já de volta ao Brasil, permaneceu fazendo uso de álcool e maconha diariamente e de cocaína apenas em ocasiões sociais. Em 2008, passou um ano sem beber diante da descoberta de problemas graves de saúde. Em agosto de 2010, entrou num processo de uso diário de ketamina, o que o levou a uma profunda depressão. Sentia tremores muito fortes e um medo igualmente intenso. Os pensamentos de morte e o planejamento para a sua execução eram corriqueiros. Este processo foi intensificado pela descoberta da infecção pelo HIV.

3.3.3 Resumo da Entrevista

A primeira marca foi um brinco aos 19 anos, que fez por achar legal. Na época em que o colocou, foi visto com olhares de preconceito pelas pessoas. Posteriormente, o brinco virou um alargador, mas esta transição não foi dolorida. A segunda marca já foi uma tatuagem, em 2006, logo que saiu do Nordeste para morar em São Paulo. Sempre teve vontade, mas tinha medo. Esta é no ombro direito, uma ferradura com quatro trevos de quatro folhas e embaixo dela tem um M, inicial do nome. Identifica-se como uma pessoa supersticiosa, por isso acredita na sorte do trevo de quatro folhas.

A segunda tatuagem é no braço esquerdo, um bebê com uma espada enfiada na boca e o sangue pingando. Diz nunca ter gostado de criança, pois acha que são maldosas e, apesar de ingênuas, são também perversas. Na tatuagem, o bebê também já é tatuado. Diz que é como se a criança já nascesse, querendo ser adulto.

A terceira marca é uma pantera no braço esquerdo, que está totalmente conectada ao uso de drogas, diz ele. Tinha um vídeo que circulava na internet, de uma senhora fumando maconha e, ao mesmo tempo, se referia ao uso como sendo “dar um tapa na pantera.” Justifica a tatuagem porque quando queria chamar alguém para usar droga só precisava dar um tapa na pantera. E assim, as pessoas o reconhecem como usuário de drogas.

A quarta tatuagem é no ombro e braço esquerdo: uma caveira dentro de uma teia de aranha. A caveira morde uma serpente que sai de dentro de umas rosas vermelhas. Para ele, as rosas significam a vida, a serpente é a drogas, que entra no corpo e leva à morte (representada pela caveira); e a teia de aranha significa o cemitério. As rosas foram desenhadas por um namorado que era artista plástico e as fez exclusivamente para ele. Refere sempre ter dito a todos que as drogas o levariam à morte, e as pessoas o achavam contraditório, já que usava drogas, mas o seu intuito de usá-las era morrer.

A quinta tatuagem é uma tocha com duas asas que significam o fogo que queima de acordo com a intensidade da liberdade. O afastamento da religião, que

para ele aconteceu por causa da liberdade, foi o que o inseriu no uso de drogas representado pelo fogo. Refere que quando sair do Raid pretende tatuar o símbolo do Narcóticos Anônimos (NA) e do anonimato, e também alguma frase relacionada a Deus. A mensagem será para ajudar as pessoas. Pretende ser identificado agora através dessas marcas.

Relata ter estado sob efeito de drogas e fazendo uso em todas as marcas, menos na primeira. Usava maconha, álcool, cocaína, ketamina entre outras, o que tivesse no momento. Usava porque estava no contexto, no ritual, nunca foi para anestesiá-lo. Refere gostar da dor, de sentir a tatuagem sendo feita, a tinta entrando na pele. Sempre procura se tatuar em lugares que ele e os outros possam ver, por isso não tatua as costas ou as coxas.

Neste sujeito, não diferente dos anteriores, a questão das tatuagens se dá como uma forma de capturar o olhar do outro e até de chocá-lo. Parece que pretende com as marcas produzir uma fala que não pode ser expressa pela via da palavra. Suas crenças e seus conceitos se inscrevem no corpo como maneira de se veicular ao outro. A dor que acompanha o processo de se tatuar também se aproxima do gozo, enquanto desfrutável. Ele descreve o prazer de sentir a dor, a tinta entrando, processo sempre associado ao uso de drogas, o que lhe promove a sensação de envelopamento do corpo.

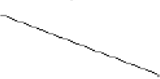
3.4 PONTUANDO AS SEMELHANÇAS

A psicanálise sendo uma ciência do singular preocupa-se não só em escutar e compreender as especificidades de cada caso, mas de, a partir do singular questionar o universal, condição para construir e questionar teorias. Poggi relembra o pensamento freudiano ao colocar que o sintoma possui um sentido que se interliga com as experiências individuais de cada sujeito, particularidade esta que a psicanálise observa com bastante atenção (POGGI, 2007).

Freud descreve que os conceitos científicos possuem a descrição, o agrupamento, a classificação e a correlação dos fenômenos apresentados (Cf.

FREUD, 1915). Para o autor, apesar de o sintoma possuir elementos únicos relacionados à vida do sujeito, apresenta também traços comuns e típicos, determinantes de um quadro clínico. São esses elementos que nos orientam na elaboração de uma hipótese diagnóstica. Neste momento, destacaremos elementos que se apresentaram como semelhantes nos três casos, que são o ponto inicial para a discussão em torno das marcas corporais na toxicomania.

3.4.1 Quadro das semelhanças das marcas corporais na toxicomania

<p>PACIENTE</p>  <p>TRAÇO</p>	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3
<p>TATUAGEM COMO ESCRITA DA HISTÓRIA NO CORPO</p>	<ul style="list-style-type: none"> - aranha no pescoço feita aos 27 anos marca a relação do sujeito 1 com um namorado que costumava marcar as namoradas com a inicial do seu nome. - A palavra Pai desenhada no pulso com a própria grafia, foi feita para esconder a cicatriz de uma tentativa de suicídio que tinha cometido por raiva do pai. - A tarja preta feita no pulso foi para cobrir o 	<p>As ondas tatuadas no braço foram feitas ao passar em um concurso e pretende aumentá-las quando passar em um concurso mais importante.</p> <p>- Pretende tatuar a perna esquerda toda, quando sair do internamento, também com motivos de mar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A tatuagem da ferradura, dos trevos, e da inicial de seu nome foi feita logo que saiu do Nordeste para morar em São Paulo. - A pantera feita no braço esquerdo servia para identificá-lo como usuário de drogas.

	nome do ex-marido.		
TATUAGEM COMO PRODUÇÃO DE LINGUAGEM E ENDEREÇAMENTO AO OUTRO	A palavra Beliscar, escrita várias vezes no braço, foi feita para dizer a sua mãe que as tentativas de suicídio eram de fato para se matar.	Vê a tatuagem como uma forma de ser identificado e de adquirir <i>status</i> , devido ao alto custo das tatuagens.	A pantera no braço, tanto serve para identificá-lo como usuário de drogas, como para chamar os outros para usar. - A pretensão de tatuar o símbolo do Narcóticos Anônimos (NA) e do anonimato, assim como uma frase relacionada a Deus, servirá para ser identificado por essas marcas ao sair do internamento. - O fato de escolher sempre lugares visíveis do corpo, para tatuar, garante ao sujeito 3 o olhar do outro.
SENSAÇÃO CORPORAL PRODUZIDA PELO ATO DA MARCAÇÃO	- A tatuagem dói muito, o que leva a esquecer a dor emocional.	- O processo de realização da tatuagem é uma verdadeira sessão de tortura, que é uma dor incontrolável, mas que vale a pena, e que esse momento é preciso ser vivido.	- Gosta da sensação de se tatuar, diz gostar de sentir a dor, de sentir a tinta entrando no corpo, de sentir a pintura.

VINCULAÇÃO DAS MARCAS CORPORAIS AO MOMENTO DE USO DE DROGAS	Sempre usou muita droga no momento em que se tatuava, mas evitava usar cocaína e crack, que lhe deixam muito inquieta.	Não usa drogas no momento de fazer a tatuagem, por achar importante viver aquele momento, porém a tatuagem e o uso de drogas se iniciaram concomitantemente.	Estava sob efeito de drogas durante a produção de todas as marcas, mas esse uso nunca foi feito para encobrir a sensação da marcação.
---	--	--	---

O ato de se drogar associado à marcação no corpo configura uma maneira de dar sentido a momentos significativos da vida desses sujeitos. Em todas as três histórias, salienta-se a tentativa de instauração do simbólico, mesmo que pela via do real do corpo, uma vez que todas as marcas são endereçadas ao outro. O desejo de pertencimento a um grupo e o de ser olhado e reconhecido se destaca nas três histórias, como veremos a seguir.

3.4.2 Tatuagem como escrita da história no corpo

Ao longo da história, observamos as diversas maneiras que os sujeitos encontraram para registrar os momentos vividos. Há alguns anos, o diário era um recurso utilizado pela pessoa para este fim. Atualmente, observamos variadas formas de descrever a vida. A virtualidade (blogs) tem tomado esse espaço, assim como a escrita no corpo.

Vemos que a maneira utilizada pelos entrevistados, para se tatuar, traz em todos os casos uma forma de inscrever em si os momentos importantes da vida. Eles descrevem, com a tatuagem, as fases que passaram, as perdas e as conquistas que obtiveram, assim como as concepções que formularam com as experiências passadas na vida.

No primeiro caso, por exemplo, as marcas trazem a memória de relações afetivas, da morte do pai, das tentativas de suicídio, do posicionamento da mãe quanto ao seu comportamento, entre outras. No segundo caso, as tatuagens entram

como forma de diferenciar etapas conquistadas, como o casamento, a inserção num emprego público. E no terceiro caso, marcam a sua trajetória de vida, a mudança do Nordeste para São Paulo, o uso de drogas, a concepção que tem delas, o advento de uma patologia adquirida.

Olivenstein, citado no primeiro capítulo, sugere que o sujeito toxicômano passa de forma mal sucedida pelo estágio do espelho: o pai não consegue representar adequadamente a criança, por não desejá-la, e, dessa forma, não interdita adequadamente a relação dual mãe-bebê, provocando a quebra do espelho; assim, o sujeito retorna a uma posição anterior, de alienação, estando então preso ao registro do imaginário. O contato com a imagem corporal quebrada, incompleta, é gerador de forte angústia para o indivíduo, que estará para sempre numa busca de reconhecimento e de unidade corporal (OLIVENSTEIN, 1985)

A ilegitimidade e o não reconhecimento desse sujeito, associados a sua não introdução no universo simbólico, levam-no a buscar formas substitutivas para se fazer presente e pertencente ao mundo. As experiências subjetivas de perda e a angústia simultâneas são vividas como ameaças à própria existência, uma vez que o amparo e a garantia do outro é frágil. Marcam no corpo os acontecimentos significativos da vida e, ao assim fazê-lo, mantêm a memória de tais fatos, ao mesmo tempo em que comunica/mostra ao outro. Assim, os sujeitos sentem que não a perderão, é como se a inscrição não fosse feita desta maneira, esses registros se desvanecessem, se perdessem com o tempo. Marcar o corpo é uma maneira de garantir que essas experiências o acompanharão por toda a sua existência.

3.4.3 Tatuagem como produção de linguagem e endereçamento ao outro

Para falar desse aspecto observado nas entrevistas, não podemos deixar de retomar mais uma vez a questão da inadequação na instauração do registro simbólico nos sujeitos toxicômanos, o simbólico que é o responsável por inserir o indivíduo no universo da palavra, que, segundo Lacan, é o assassinato da coisa.

Observamos no decorrer deste estudo que é a fragilidade na capacidade de simbolização que tem levado os sujeitos a estarem submetidos à presença massiva de passagens ao ato, conduzindo o corpo a assumir um lugar de destaque, tornando-o um espaço de manipulação e instituição de marcas que lhe conferem uma identidade.

Ana Costa considera a tatuagem como responsável por atribuir ao corpo uma singularidade, fornecendo aos sujeitos o traço que vai capturar o olhar do outro e lhe conferir uma identidade (COSTA, 2005). Lacan observa que o corpo é marcado por traços que carecem de uma leitura, de um endereçamento (LACAN, 1966). Com o traço na pele, realça-se a necessidade do olhar e da solicitação de uma diferenciação, uma identidade. A tatuagem marca a busca de um olhar no campo do outro que confira ao sujeito um endereçamento e lhe determine um destino.

Observamos, em todos os sujeitos estudados, a tentativa de apreender o olhar do outro numa súplica por reconhecimento e singularidade. Através da tatuagem, os sujeitos tentam falar para o outro suas concepções e valores. Os três sujeitos usam a tatuagem para mostrar sua dor emocional, para expressar descontentamento com a vida, para obter status e ser identificado na condição de drogadito. É interessante observar que em todos os casos há a intenção de realizar nova tatuagem no pós-internamento, e nesse contexto o próprio tratamento funciona como um marco nas suas experiências sensitivas.

Lembremos que o estágio do espelho é o momento responsável por fornecer ao indivíduo as primeiras percepções da imagem corporal unificada e a inadequação na passagem por esse estágio é causadora de significativas problemáticas no processo identificatório. Na atualidade, assistimos que a associação dessa dificuldade às significativas mudanças na organização do laço social e familiar tem acentuado a debilidade nas identificações.

Hoje, a sociedade não se organiza em torno dos ideais comunitários. O que se faz presente é uma horizontalidade do processo identificatório e uma decadência na identificação ao líder. Essa desvalorização do significante nome-do-pai como referencial, como o significante que regula o gozo e faz a mediação entre o público e o privado, tem como consequência as formações de diversas patologias que

denunciam os estragos ocorridos numa geração em que prevalece a desorientação em relação ao Outro.

3.4.4 Sensação corporal produzida pelo ato da marcação

Em todos os entrevistados, a sensação conferida pelo ato da marcação tem um valor fundamental, seja para amenizar uma dor emocional forte, seja para dar sentido a etapas da vida.

O sujeito 1 refere que quando fez a tatuagem do perfil de uma santa descobriu que fazia as marcas para passar a raiva. Segundo ela, o processo de marcação é muito dolorido e a leva a esquecer a dor emocional, pois o cuidado com a tatuagem é muito grande e quando ela sara, a dor emocional está mais amena. Ela relata que quando estava perto de se separar do marido tatuou uma rosa que tomou toda espádua. Diz ter sofrido três meses para fazer essa tatuagem, tendo chegado a desmaiar várias vezes de dor.

O sujeito 2 refere gostar de sentir a dor, de viver o momento, diz que o desejo pela marca lhe traz consequências e se a marca é importante, tem que arcar com tais consequências. Relata o processo como uma “verdadeira sessão de tortura. São doze agulhas lhe furando simultaneamente. Na hora de chapar (pintar) a tatuagem é uma dor incontrolável, só o barulho da máquina que já causa angústia; tem que gostar e querer muito para aguentar” (sujeito 2). Fala do traço na pele como uma sentença. Uma vez marcado, não poderá voltar atrás, ele trás a sensação corporal produzida pela tatuagem como importante para marcar conquistas, como a inserção num emprego público ou o casamento. É a sensação da dor que torna legítima a significação da marca.

Já o sujeito 3 fala que a vivência da sensação de dor é fundamental, pois é a dor que legitima a tatuagem e o significado que ela carrega. Diz gostar da sensação de se tatuar e de sentir a dor. Descreve que para riscar a tatuagem, a sensação é que a pele está sendo rasgada. Para ele sentir a tinta entrando no corpo, sentir a pintura, é uma sensação fundamental, uma dor diferente.

A dor conota uma experiência de extrema singularidade, que está para além do princípio do prazer. Trata-se de uma dor-gozo que se estabelece pela colagem entre o corpo e o gozo, colagem esta que se configurou desde um momento inicial, quando o sujeito não conseguiu se desligar da posição alienante do objeto primordial. Esta colagem faz com que a experiência só tenha sentido se estiver envolvida numa vivência sensitiva, fornecendo à experiência de dor a possibilidade de realizar amarrações importantes na vida desses sujeitos. São momentos que ficarão para sempre marcados em seus corpos.

A experiência dolorosa é que confere verdade ao ato de se tatuar, e possibilita o verdadeiro sentido de se marcar. O sujeito 1 fala da vivência de dor física como a saída para lidar com a insuportável dor emocional. O sujeito 2 se refere a esse processo como uma sentença em que, uma vez iniciado, não poderá ser suspensa, ao mesmo tempo em que diz que suas marcas determinam passagens definitivas em sua vida, como a inserção num emprego público, ou o casamento. Parece que a sentença se estende às etapas passadas pela vida de forma definitiva. O terceiro sujeito também se refere à dor que envolve o processo de se tatuar como sendo necessária a ser vivida. Ele faz questão de asseverar que o uso de drogas acontece apenas por ser parte do contexto. É muito frequente a oferta de drogas nos ateliês de tatuagens, não para amenizar a dor, mas porque sua vivência é fundamental.

3.4.5 Vinculação das marcas corporais ao momento de uso da droga

Apesar de a questão referente ao uso de drogas no ato de se tatuar apareça de maneira distinta nesses sujeitos, em todos os casos indicam a relevância que a droga teve no processo de se tatuar. Assim, a tatuagem surge após estarem envolvidos no uso de drogas; logo, tatuar-se e ingerir tóxicos são ações que se complementam na tentativa de produzir sensações.

Foi levantada a questão, desde o início deste estudo, de que a associação entre o uso de drogas e marcas corporais nesses sujeitos funciona como uma forma

de recolagem da imagem corporal. Livrando-o do despedaçamento. Parece-nos que essa recolagem é produzida pela associação de sensações internas (uso das drogas), e externas (marcação corporal), garantindo assim que os indivíduos tentem simbolizar as questões, como a de uma fala escrita impressa no corpo. Vimos que é com a passagem pelo estágio do espelho que o sujeito tem a possibilidade de se reconhecer numa unidade corporal unificada e distinta do outro primordial. A passagem malsucedida por esse estágio leva os sujeitos a não conseguirem obter uma imagem unificada do próprio corpo, e as partes despedaçadas pela quebra do espelho parecem que são recoladas pela sensação, interna e externa, constituindo desta forma uma consistência que fornece sustentabilidade e identidade a esses indivíduos, possibilitando-lhes se sentirem pertencentes ao mundo.

3.5 PENSANDO AS SINGULARIDADES

A observação decorrente dos elementos comuns entre os casos, nos possibilitou a instrumentação necessária para iniciar uma discussão do particular, das marcas corporais nos sujeitos toxicômanos, que por sua vez servirá de fundamento para observarmos a relação que cada sujeito estabeleceu com as sensações corporais. Como revelamos anteriormente, essas relações parecem ter sido estabelecidas como possibilidade de dar conta das questões individuais que não estavam podendo ser significadas por outra via.

Para o sujeito 1 o processo de marcação corporal associado ao uso de drogas surge como possibilidade de dar sentido a uma série de questões singulares que se apresentaram destituídas de sentido. A deficiência na instauração da lei simbólica neste sujeito é clara na sua fala em que descreve o posicionamento paterno. É mostrada a contradição do posicionamento do pai, uma vez que ao mesmo tempo em que se baseia numa educação severa, em decorrência da formação militar, se comporta de maneira a não se controlar no que se refere ao uso da bebida. A agressividade também permeia essa família, configurada num padrão em que o poder paterno ultrapassa o limite do corpo do outro, e marca esse corpo

com agressões físicas. Logo, já o corpo do sujeito é marcado pelo outro através das agressões.

Observamos no sujeito 1 a maneira como submete ao outro o seu corpo: uma de suas tatuagens é a inicial do nome de seu ex-marido. Outra tatuagem marca uma tentativa de suicídio cometida por raiva do pai. Em outro momento, a marca antecede a tentativa de suicídio, ao mesmo tempo significa no real do corpo a impressão de sua mãe sobre suas tentativas de suicídio. Os fins de relacionamento são marcados no corpo, assim como vários outros momentos da vida. A sua dor é vivida no corpo, desde sempre e para sempre, pois essa parece ser a única possibilidade de torná-la real como sujeito ao mesmo tempo em que apazigua a angústia.

A colagem ao objeto materno, própria da constituição toxicomaníaca, é evidente uma vez que livra da tatuagem as partes do corpo admiradas pela mãe, que é um dos principais incentivos para o seu tratamento, assim como a relação com a filha. A maternidade ascendente e descendente são os principais motivos para o seu tratamento.

Já no sujeito 2, essa associação não se estabelece vinculada a um processo de dor emocional, mas sim de conquistas, como o casamento ou a inserção almejada em um emprego público, porém chama a atenção o modo com que a necessidade de sentir a dor se coloca nesse sujeito, para coroar as etapas. Em sua história de vida, também se faz presente um pai rígido, que baseia a educação na formação militar. Neste sujeito a lei parece não ter sido introduzida, e sim imposta na superficialidade, uma vez que nesta família também encontramos outro sujeito drogado.

A escolha por seguir a vida militar marca um modo contraditório de se vincular ao pai, uma vez que, apesar da profissão, as marcações corporais e o uso de drogas o distanciam profundamente da referência deixada por ele. A morte do pai marca um momento de relações domésticas mais maleáveis ao lado da mãe, esta que sempre esteve numa posição submissa em relação ao ex-marido. É neste momento que suas marcas podem ser exibidas, e suas dores e conquistas podem ser anunciadas.

No sujeito 3, observamos que também estamos falando de um sujeito constituído numa família de padrões rígidos, desta vez baseados nos preceitos da religião evangélica, que o impediram de falar de sua homossexualidade. O seu traço de homossexualidade, de acordo com as nossas observações, está associado à sua identificação ao objeto materno, consequência da insuficiência na introdução da referência do pai. A morte brusca da mãe anuncia um momento de forte angústia, uma vez que, além da perda dela, o sujeito é abandonado pelo pai. Mais uma vez, retomamos à concepção de Olivenstein de que ao pai do toxicômano não há desejo paterno para com o filho, ele apenas cumpre com o papel enquanto estiver vinculado à esposa (OLIVENSTEIN, 1985).

A morte da mãe o leva a se expor a uma série de riscos, como adquirir o vírus do HIV. Ele entende então que usa droga para morrer e reencontrar o corpo materno. Como a função paterna não foi um operador eficaz para separá-lo do corpo materno, as experiências sensitivas prevalecem sobre a possibilidade de representação simbólica das experiências.

As tatuagens do sujeito indicam a sua tentativa de se identificar e garantir um pertencimento, no caso da inicial do seu nome, associado a uma ferradura, como eram marcados os escravos e os bois, marcas que garantiam este pertencimento a determinado grupo. O bebê que tem tatuado no braço, marca seu repúdio à infância, à sua crença na existência da maldade nas crianças. A tatuagem que associa às rosas, a caveira, a serpente e a teia de aranha marca a sua concepção em relação ao uso de drogas e seu desejo pela morte, e a pantera no braço o identifica como usuário de Drogas.

Nesses sujeitos, a angústia não é dogmada pelo simbólico, ela percorre caminhos que invadem o corpo, que se torna uma superfície de inscrição. Ao marcar o próprio corpo se inscrevem traços particulares, algo que o torna singular. A tatuagem inscreve no corpo o traço que o reconhece como exceção e fixa o sinal da diferença que implica “tomar posse do corpo através da criação de uma marca própria” (LIMA, 2004, p.31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As figuras parentais são responsáveis por inserir a criança no simbólico, sendo a função paterna (enquanto representante da lei), a responsável por transmitir ao filho os traços identificatórios necessários para que ele tenha acesso à cultura, à lei que fornece sua legitimidade na continuidade temporal. A condição de existência de cada sujeito está diretamente ligada ao desejo dos pais e, desse modo, a posição subjetiva de cada um é determinada pelo lugar estabelecido no imaginário familiar.

A experiência de acompanhar sujeitos toxicômanos e ter acesso as suas histórias de vida nos forneceram subsídios valiosos para entendermos suas adições à droga. Entretanto a maneira e o significado que a droga toma para cada um deles depende da sua organização subjetiva. Mesmo seguindo a teoria de Olivenstein de que os toxicômanos ficam presos num estágio intermediário entre a fase do espelho “bem sucedida”, própria da organização neurótica, e a fase do espelho impossível, própria da organização psicótica, não possível situar uma mesma estrutura.

Com a análise dos relatos tivemos a oportunidade de observar os traços semelhantes aos casos, ao mesmo tempo em que a análise de cada um desses traços nos possibilitou a observação do que é singular em cada sujeito. As marcas corporais nos sujeitos toxicômanos, não aparecem associadas a construções sociais e não estão inseridas no contexto da organização social, pelo contrário, atendem a uma demanda individual, motivo pelo qual não pode ser tratada apenas como adorno ou adereço, ligada à moda ou à vaidade, mas sim, fazendo parte de uma estratégia utilizada pelos sujeitos para ser identificado e dar sentido a uma série de questões de suas vidas.

Há, nesses casos, uma insuficiência na intervenção paterna, que se apresenta impotente diante do não-dito da tradição familiar. Essa insuficiência tem efeitos sobre a organização psíquica do filho e sobre o modo que ele se orientará frente interdito. A insuficiência simbólica faz com que o sujeito drogadicto mantenha uma relação não comprometida com a lei, tornando-se destituídos de caráter identificatório e, desse modo, a droga se apresenta como símbolo da sua própria identidade; assim, “ser toxicômano” torna-se uma forma de existir.

Por outro lado, o declínio do Nome-do-Pai, e a conseqüente fragilidade da simbolização, têm levado os sujeitos a se submeterem a uma modalidade de gozo

que questiona o estatuto e o valor da vida, o que elucida uma busca constante por identificações e por um lugar no mundo.

No nosso entender, o paroxismo das drogas hoje está na convergência de uma falha da entrada do pai na organização subjetiva do sujeito com os imperativos de uma cultura capitalista que se sustenta na lei de mercado e menos na lei do pai que perde seu status de referência organizadora. A decadência dos referenciais identificatórios tem levado os sujeitos a se constituir a mercê do sistema de representações e, desta forma, o corpo se torna via para a instituição de marcas identificatórias. Em decorrência da inconsistência do simbólico, tais marcas adquirem o caráter de concretude, inseridas no real do corpo, feitas para apresentar e mostrar e não para representar.

Ana costa (2005) observa que as manipulações corporais dos tempos atuais aparecem de forma a produzir bordas, borda enquanto fronteira corporal, enquanto relação com o ambiente, com o outro, com a realidade. O que nos chama atenção nesse contexto de uso de drogas e marcações corporais é a dupla experiência de gozo - pela inserção da droga no corpo e pela inscrição de marcar na pele – o que nos dá a entender que elas servem de suporte e reforça a manutenção da imagem corporal fragilizada na imagem do espelho quebrado. A tatuagem confere ao corpo uma erotização que se instaura “como algo inapreensível, como o traço primeiro que funda a desnaturação do sujeito” (Ana costa 2005 p. 19). Desse modo, a tatuagem singulariza e fornece ao sujeito o traço que vai capturar o olhar do outro, olhar que pode lhe conferir uma identidade.

Os depoimentos analisados mostram que manipular o corpo, estimulando nele sensações internas pelo uso das drogas e sensações externas pela marcação é uma forma de se apropriar do corpo e de torná-lo pulsante. Ao mesmo tempo, é no corpo que eles fazem registro tantos dos acontecimentos marcantes de suas vidas como de tornar manifesto e visível o sofrimento decorrente de tais acontecimentos. A imagem corporal, quebrada no estágio do espelho é remendada pelo olhar do outro. Um dos sujeitos inclusive mantém essa tensão de algo partido ao dividir o corpo em dois lados: um lado tatuado e outro não. Dependendo do ângulo de quem olha se verá a tatuagem ou não.

Cada sujeito se motiva e se relaciona de forma singular com as marcas corporais e com o uso de drogas, Vimos que no sujeito 01 se relaciona com experiências de dor e de sofrimento; que a marcação na pele aparece para marcar

na própria história, acontecimentos importantes, como a única alternativa de manter vivo o passado, pois a palavra e a lembrança não são suficientes para fornecer veracidade a esses fatos. no sujeito 02 as marcas indicam conquistas, a ultrapassagem de etapas importantes da vida, que também precisam ser marcadas no corpo para adquirir consistência e verdade. No sujeito 03 as marcas indicam os conceitos e aprendizados da vida, trazem o conhecimento adquirido, o posicionamento perante fatos ocorridos e posturas escolhidas, as quais, como nos demais entrevistados, precisam ser marcadas na pele para ser consistente.

Todos os sujeitos manifestam dificuldades na relação com os familiares sobretudo com as figuras materna e paterna que, em todos os casos, têm uma posição de extrema rigidez e de distanciamento para com os filhos, o que confirma a importância da relação parental para a constituição dos sujeitos, uma relação que forneça ao sujeito uma sustentabilidade identitária e lhe garanta um lugar no mundo.

REFERÊNCIAS

- AULAGNIER, Piera. Nascimento de um corpo, origem de uma história. Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental, vol II, são Paulo, 2003.
- BARROS, Clarissa, Histórias Escritas Na Pele. Dissertação de mestrado em psicologia clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt, Modernidade Líquida, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAUNSTEIN, Nestor. Goce. México: Siglo, 1999.
- CAVALCANTI, Diego. O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do indivíduo, CAOS – revista eletrônica de ciências sociais, número 9, setembro de 2005, p.53-60
- CHAVES. Eugênia Do corpo à subjetividade: o início do tratamento com toxicômanos. In: XVII congresso do círculo brasileiro de psicanálise, Rio de Janeiro, 2010.
- COSTA, Ana. Tatuagens e Marcas Corporais, Casa do Psicólogo: São Paulo, 2005
- COSTA, A.L. Drogas: pagar com a carne? Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, 2004.
- CONTE, Marta. O corpo em Evidência na toxicomania. Laboratório de psicologia experimental: São Paulo, 1998.
- CUKIERT e PRISZKULINIK, Michele e Léia, Considerações EU e o Corpo Em Lacan, Estudos de Psicologia, 7(1): São Paulo, 2002
- ESCOBAR, José Carlos. Dependência de drogas e psicoterapias, In: Panorama Atual de drogas e dependências. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005
- FERNANDES, Maria Helena. Corpo, Casa do Psicólogo: São Paulo, 2008
- FINK, Bruce. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização, In: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1932-1980.
- _____, Além Do Princípio do Prazer.(1920) ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V. 18
- _____. Os Instintos e Sua Vississitudes, (1915) ESB. Rio de Janeiro: Imago. 1980. V.21.

_____. Sobre o Narcisismo: Uma introdução, (1914) ESB. Rio de Janeiro. Imago. 1980. V.14.

LACAN, Jaques, O seminário. Livro 3: As Psicoses, (1988) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____, O seminário. Livro 1: os Escritos Técnicos de Freud, (1986) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. Escritos. Jorge Zahar Rio de Janeiro, 1998

_____, Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente Freudiano. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zhar, 1990

_____, O seminário. Livro XI: os Quatro Conceitos Fundamentis da Psicanálise, (1964) Rio de Janeiro: Jorge Zaha, 1990r

_____, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador do Eu. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Os complexos Familiares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1938.
LAMB, Mônica “Que país é este!” “que pais são estes” “a que PONTO chegamos, em que PORTO estamos?”. Recife, 2003.

LEBRUN, Jean Pierre. O Mundo Sem Limites. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LE BRETON, David, Adeus Ao Corpo. Papirus: Campinas-SP, 2009.

LIMA, Celso Rennó. A letra no corpo. In Cristina Pitella de Matos e Marcia Souza Mezêncio (orgs). Jovens em análise: o encontro com o sexo, as marcas no corpo, os modos de vida. Belo horizonte. Escola brasileira de psicanálise. P.31-33, 2004.

LIPOVETSKY, Guilles. Tempos Hipermodernos, Barcarolla: São Paulo, 2007.

MEDEIROS, Marta, et AL, Vorstellung: a questão da responsabilidade, Psicologia Ciência e Profissão V.28 N.1 Brasília, Março, 2008

MILLER, J, A. El outro que no existe y SUS comitês de ética/ com colaboración de Éric Laurent. Buenos Aires: Aidós, 2005.

NAZIO, J.D. Meu Corpo e Suas Imagens, Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2009

OLIVENSTEIN, Claude. Destino do toxicômano. São Paulo: ALMED, 1985.

PEROTTA, Simone. Dispositivos de Intervenção aos Jovens. Revista Igualdade XLI. Livro 41, Curitiba, março e 2009.

POGGI, Bibiana. O movimento da pulsão oral em mulheres que se submeteram à cirurgia bariátrica. Dissertação de mestrado em psicologia clínica pela Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2006

QUEIROZ, Edilene. Trama Do Olhar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

QUEIROZ, Edilene, A dor corporal e sua apresentação psíquica: de Ferud à Lacan, Seminário apresentado na II Jornada de Estudos do CLINP (Grupo de Pesquisas Clínicas Psicanalíticas), UFRJ/CNPq, sobre Corpo e sintoma na clínica psicanalítica, em 10.11.2009, como intervenção na Mesa-redonda O que a clínica nos ensina?

ROCHA, Zeferino. Freud: aproximações. Recife: Ed. UFPE, 1993.

ROUDINESCO, Elizabeth. A Família em Desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANTIAGO, Jesus. A droga do toxicômano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SIQUEIRA, Elizabete. O Estatuto Contemporâneo da Identificações. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

VALAS, P. As dimensões do gozo, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

VERAS, Marcelo, Dismorfofóbicos, Letra Clínica V. I, Recife, Julho, 2006.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx Inventou o Sintoma. Rio de Janeiro: Contracapa, 1996.

ANEXOS

ENTREVISTA 1

M. T. 42 ANOS, SEXO FEMININO, PSICÓLOGA (NUNCA EXERCEU A PROFISSÃO), INICIOU O USO DE DROGAS AOS 15 ANOS.

DEPENDÊNCIA PRINCIPAL: CRACK, TAMBÉM FAZ USO DE MACONHA, LSD, EXTASE, ANSIOLÍTICOS E ALCOOL).

1) QUAL A RAZÃO DE POSSUR TAIS MARCAS:

R.

- A primeira tatuagem, na orelha foi feita aos 13 anos, por admirar uma pessoa que tinha uma igual.
- A segunda foi feita aos 23 anos, nessa fase já havia começado o uso de drogas, porém até os 20 anos só usava maconha. Aos 23 anos casou-se com um francês, com quem começou o uso de cocaína. Ele também era usuário de heroína e substituiu esta droga pela inexistência dela no Brasil. Ambos haviam usado muita droga (cocaína) e sob seu efeito fez um fênix na virilha; não gosta desta tatuagem mas é importante porque a faz lembrar desse companheiro que morreu, ao seu lado, de overdose.
- Aos 27 anos fez uma aranha no pescoço: estava com um homem que amava muito; o desenho era dele e a intenção dele era escrever um H, a inicial do seu nome, ele costumava marcar as namoradas.
- Aos 33 anos fez 2 estrelas no braço, uma é ela e a outra significa a filha.
- Aos 34 fez um perfil de uma santa, no mesmo braço das estrelas, nessa época, namorava um traficante que foi assassinado. Através dessa tatuagem descobriu que fazia "tattoo" para passar a raiva, ela dói tanto que você esquece da dor emocional, sangra muito e o cuidado que você tem que dedicar a tatuagem faz com que esqueça da dor emocional, aí quando a "tattoo" sara, agente já nem lembra da outra dor.

- Quando o pai morreu fez no pulso a palavra “pai” desenhada com a própria grafia. Isso também se deu para esconder a cicatriz de uma tentativa de suicídio que tinha cometido por raiva do pai.
- Quando estava perto de se separar do marido, o que era tatuador e que a marcou com um H, fez uma rosa que toma toda as costas. “Sofri 3 meses para fazer essa tatuagem”; ela chegou a desmaiar várias vezes de dor. Usava muita droga durante o processo, mais LSD, porque cocaína e crack a excitava muito e não conseguiria ficar quieta. Essa tatuagem não foi o marido que fez e ela se envolveu com esse novo tatuador. Novamente, a tatuagem serviu para aliviar a dor da perda do marido. “Passei 3 meses cuidando da dor física, aí a emocional adormecia um pouco, junto com a droga, era a combinação perfeita”. Faltando uma semana para acabar o casamento tentou suicídio por enforcamento: o marido a salvou e aí imediatamente tomou todos os remédios psicotrópicos que tinha em casa e foi novamente salva. Antes do enforcamento escreveu no braço, com uma faca, a palavra “beliscar” várias vezes, pois a mãe sempre dizia que as sua tentativas de suicídios não eram para se matar de verdade e que às vezes que cortou os pulsos só fazia se beliscar.
- Após a separação fez no pulso uma tarja preta para cobrir o nome do ex - marido que tinha escrito nesse pulso.
- A palavra “impermanência”, escrita no antebraço, é um preceito budista que significa “nada é para sempre”, foi tatuada no momento em que o marido arrumou as coisas e saiu de casa.
- Quando sair do internamento pretende fazer duas tatuagens: uma na costela, para doer bem muito, pois esse é um dos lugares mais sensíveis, que serão duas pin up. “é bom porque esse lugar é escondido e minha mãe não vê, ela odeia as tatoos”.
- Não tatua as pernas porque a mãe ama a suas pernas”
- O primeiro piercing fez quando quase ninguém tinha, por vaidade.

- O segundo, do nariz, foi por raiva do marido: “lembro que na hora do furo caiu uma lágrima bem do lado do piercing”.
- Quando fez o da boca estava com tanta raiva que nem sentiu a dor, assim como os da orelha, que fez 8 furos de uma só vez.
- Todo fim de relacionamento raspa o cabelo, o primeiro marido dizia que a única coisa que ela tinha de bonito era o cabelo.
- Fez várias plásticas: seio, abdome, rosto, orelha e várias lipoaspirações, tudo por vaidade, pois o marido gostava de mulheres bonitas.
- Tem também fibromialgia, descobriu a 5 anos atrás e isso acentuou o uso de drogas associado ao uso de analgésicos, as vezes de forma inadequada.

2) HÁ MARCAS OU LOCALIZAÇÕES CORPORAIS PREFERENCIAIS

- Marcas não, mas gosta de tatuar os braços, as pernas nunca, por causa da mãe. Tem um ângulo do corpo que não dá para ver que tem tantas tatuagens, foi o olhar das pessoas que a fez perceber isso, e aí não tatua esse outro lado. “tenho um lado A e um lado B”. Às vezes me percebo mesmo com duas identidades, uma boa, gentil, prestativa e outra ruim, transgressora, agressiva, pretendo aqui no RAID me livrar desta.

3) QUEM VEIO PRIMEIRO, AS MARCAS OU O USO DAS DROGAS

R. Na primeira marca ainda não tinha iniciado o uso de drogas, mas em todas as outras sim, e o uso tem forte influência para o processo de marcação.

4) EXPERIÊNCIAS DE GOZO DECORRENTE DAS DROGAS E MARCAS CORPORAIS.

R. Faz as tatuagens para diminuir a dor emocional, a dor física é tão grande que a emocional fica adormecida. (sic)

ENTREVISTA 2

A. 25 ANOS, SEXO MASCULINO, POLICIAL MILITAR, INICIOU O USO DE DROGAS AOS 15 ANOS.

DEPENDÊNCIA PRINCIPAL: CRACK, TAMBÉM FAZ USO DE MACONHA, LSD, EXTASE, ANSIOLÍTICOS, ALCOOL, ETC.

3) QUAL A RAZÃO DE POSSUR TAIS MARCAS:

R.

- A primeira tatuagem, no ombro, foi feita aos 20 anos. É uma carpa, um peixe de origem oriental que, segundo a lenda, transmite sabedoria. Só os imperadores podiam comer esse peixe, ele tem olho de ser humano, um olhar fixo.
- A segunda foi aos 22 anos, ela toma todo o braço esquerdo, são ondas se chocando. “Essa tatuagem foi feita em outra fase da minha vida: eu já estava casado e fiz junto com a minha esposa que fez uma flor de lótus no mesmo braço. Fiz essa tatuagem quando passei no concurso da PM e pretendo aumentá-la quando conseguir passar no da Polícia Civil.

- Nas costelas tem um tubarão branco, junto com ondas azuis, esse é o animal mais feroz e voraz do oceano. Foi a que mais doeu porque a costela é a parte mais sensível do corpo humano.
- Quando sair do RAID pretendo tatuar a perna esquerda toda, também com motivos de mar, todas elas têm esse motivo, porque o mar me traz calma e serenidade”.
- O alargador (na orelha) coloquei porque acho legal, diferente, choca as pessoas, pretendo aumentá-lo mais”.

4) EM QUE CONTEXTO SE TATUOU OU PROVOCOU A MARCA, SE ESTAVA SOB EFEITO DE DROGAS.

R.

- Em nenhuma das marcas estava sob efeito de drogas, apesar de no inicio das marcações já está envolvido na problemática das drogas. “Muitas pessoas que eu conheço e que vejo se tatuando usam drogas, como cocaína ou medicações, para amenizar a dor que é, às vezes, insuportável, mas eu gosto de sentir a dor, viver o momento. Se eu quero a marca, tenho que arcar com as conseqüências que ela me traz. É uma verdadeira sessão de tortura, são doze agulhas lhe furando simultaneamente na hora de chapar (pintar) a tatio, é uma dor incontrolável, só o barulho da máquina já causa angústia, tem que gostar e querer muito para agüentar, até porque depois do primeiro risco, a sentença foi dada, não pode mais voltar atrás”.
- VOCÊ PODE FALAR UM POUCO DESSA SENTENÇA?

É a dor, vai ter que senti-la até o fim, já que começou a tatuagem não pode mais voltar atrás.

5) HÁ MARCAS OU LOCALIZAÇÕES CORPORAIS PREFERENCIAIS

- Só tatuo o lado esquerdo, esse é o lado do meu corpo que escolhi para tatuar, o direito quero deixar sempre limpo. E em relação às marcas, como já disse, são todas ligadas ao mar.

6) QUEM VEIO PRIMEIRO, AS MARCAS OU O USO DAS DROGAS

Como já foi dito comecei primeiro com as drogas, e depois com as marcas, mas não faço isso simultaneamente.

- “Meu pai era mito rígido, tinha formação militar e não permitia a tatuagem de maneira nenhuma. Quando fiz a primeira tatuagem, ele ainda era vivo, e eu passei quase um ano andando de camisa dentro de casa para que ele não visse. Quando ele faleceu foi que eu comecei a mostrar e fazer mais marcas. Minha mãe também não concorda, mas mãe é sempre mais maleável”.
- “Vejo a tatuagem como uma forma de ser identificado. Fala na pessoa e os outros já dizem: Ah! é o que tem tal tattoo. Além do status que ela oferece, é muito cara. Essa do meu braço mesmo, custa em torno de R\$2.000,00”.

7) EXPERIENCIA DE DOR E GOZO CORPORAL

- R. “Gosto de sentir a dor, viver o momento, se eu quero a marca, tenho que arcar com as conseqüências que ela me traz. É uma verdadeira sessão de tortura, são doze agulhas lhe furando simultaneamente na hora de chapar

(pintar) a tatoos; é uma dor incontrolável, só o barulho da máquina já causa angústia, tem gostar e querer muito para agüentar, até porque depois do primeiro risco, a sentença foi dada, não pode mais voltar atrás.”

ENTREVISTA 3

M. A. A. 35 anos, professor de inglês, iniciou o uso de drogas aos 13 anos.

DEPENDÊNCIA PRINCIPAL: CRACK, TAMBÉM FAZ USO DE MACONHA, LSD, EXTASE, ANSIOLÍTICOS, ALCOOL, ENTRE OUTRAS.)

8) QUAL A RAZÃO DE POSSUR TAIS MARCAS:

R.

- “A primeira marca foi um brinco aos 19 anos, achava legal. Na época em que colocou era visto como preconceito, posteriormente, esse brinco virou um alargador; essa transição não foi dolorida, foi abrindo o buraco devagar, não dói!”
- A segunda marca já foi uma tatuagem, aconteceu em 2006, logo que saiu do nordeste para morar em São Paulo. Sempre teve vontade , mas tinha medo, mas depois da primeira, o medo passa. Essa tatuagem é no ombro direito, uma ferradura com 4 trevos de 4 folhas e embaixo dela tem um M, inicial do nome. É uma pessoa supersticiosa, por isso acredita na sorte do trevo de 4 folhas.
- A segunda tatuagem é no braço esquerdo, um bebê com uma espada enfiada na boca e o sangue pingando. Nunca gostou de criança, “a criança sempre faz merda”. Também acredita na maldade das crianças, “a pesar da ingenuidade delas, são também perversas, tem um instinto ruim”. Na tatuagem, o bebê também já é tatuado, “é como se já nascesse querendo ser adulto”.
- A terceira marca é um pantera no braço esquerdo, “essa está totalmente conectada ao uso de drogas”. Tinha um vídeo que circulava na internet, quando morava em São Paulo, que era uma senhora fumando maconha e, ao mesmo tempo referia-se ao uso como sendo „dar uma tapa na pantera.. “Aí fiz a tatuagem porque quando queria chamar alguém para usar, só dava uma tapa na pantera”. “Por essa pantera, as pessoas já me reconhecem como usuário de drogas, as pessoas que entendem esse contexto”.
- A quarta tatuagem é no ombro e braço esquerdo, uma caveira dentro de uma teia de aranha, a caveira morde uma serpente que sai de dentro de umas rosas vermelhas. “Para mim, as rosas significam a vida, a serpente são as drogas, que entram no seu corpo e te levam à morte, representada pela caveira; a teia de aranha, significa o cemitério, onde vamos depois de morrer”. As rosas foram desenhadas por um namorado que era artista plástico e as fez exclusivamente para ele. “Sempre disse a todos que as drogas levariam à

morte, as pessoas me achavam contraditório, já que eu usava drogas, mas eu usava para morrer”.

- A quinta tatuagem é uma tocha com duas asas que significam a liberdade e a tocha significa o fogo que queima de acordo com a intensidade dessa liberdade. “Com o afastamento da religião, que aconteceu por causa da liberdade, foi que me queimei, entrando nessa vida”.
- Quando sair do RAID pretende tatuar o símbolo do NA (Narcóticos Anônimos) e do anonimato, e também alguma frase relacionada a Deus. A mensagem será para ajudar as pessoas, passar a mensagem para os outros e para si, como se diz no NA. Pretende ser identificado agora através dessas marcas.

9) EM QUE CONTEXTO SE TATUOU OU PROVOCOU A MARCA, SE ESTAVA SOB EFEITO DE DROGAS.

R.

- Em todas as marcas estava sob efeito e fazendo uso de drogas, menos na primeira, usava maconha, álcool, cocaína, ketamina etc o que tivesse no momento, usava porque estava no contexto, no ritual, nunca foi para anestesiar, gosto da dor, de sentir a tatuagem sendo feita, a tinta entrando na pele.

10)HÁ MARCAS OU LOCALIZAÇÕES CORPORAIS PREFERENCIAIS

- Sempre procuro me tatuar em lugares que eu e os outros possam ver, por isso não tatuo as costas ou as coxas, por exemplo, curto olhar e apreciar as tatuagens e gosto que as pessoas vejam, para mim é uma arte no corpo”.

11)QUEM VEIO PRIMEIRO, AS MARCAS OU O USO DAS DROGAS

Primeiro veio o uso de drogas, aos 13 anos, e depois com as marcas, já aos 19 anos.

12)EXPERIÊNCIAS DE GOZO DECORRENTE DAS DROGAS E MARCAS CORPORAIS.

R.

“Gosto de sensação de me tatuar, gosto de sentir a dor para riscar a tatuagem – parece que está rasgando a pele –, de sentir a tinta entrando no corpo, de sentir a pintura, que é uma dor diferente. Para mim, uso drogas nesse momento, por ser um ritual, mas não para aliviar a dor, a dor tem que ser sentida, senão perde a graça”.